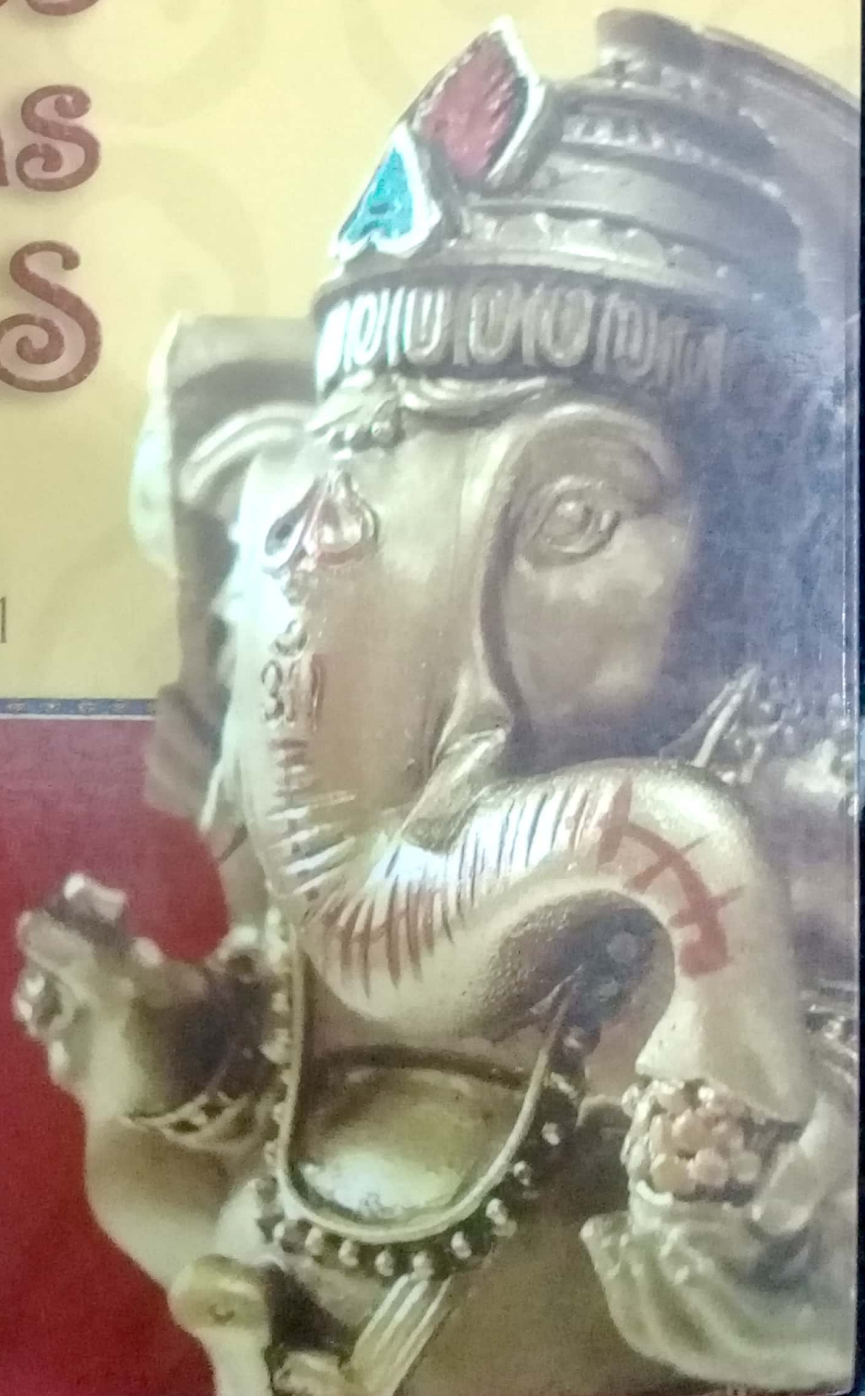




Deuses e deusas HINDUS



Sunita Pant Bansal




NOVA ERA
PUBLISHERS

Deuses
e deusas
HINDUS

Sunita Pant Bansal

Deuses e deusas HINDUS

Tradução
Ângela Machado



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B171d

Bansal, Sunita Pant

Deuses e deusas hindus / Sunita Pant Bansal; [tradução Ângela Machado]. – Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.

Tradução de: Hindu gods and goddesses
ISBN 978-85-7701-211-4

1. Mitologia hindu. 2. Deuses hindus. I. Título.

08-2891.

CDD: 294.5

CDU: 294.512.14

Título original: Hindu Gods and Goddesses

Copyright da tradução © 2007 by EDITORA BEST SELLER LTDA.
Sunita Pant Bansal. Copyright © 2005 Smriti Books

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Projeto gráfico de capa e miolo: Valéria Teixeira

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil reservados pela EDITORA NOVA ERA um selo da EDITORA BEST SELLER LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-7701-211-4

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

O LIVRO

Deuses e deusas hindus é uma obra que visa disponibilizar informações básicas a respeito dos deuses do panteão hindu de maneira simples e atraente. Os pontos elementares são apresentados sem envolver nenhuma religiosidade. Não há recomendações para qualquer deidade em particular, mantendo em mente o aspecto fundamental da filosofia hindu da unicidade de todo o universo.

As informações sobre a origem de cada deidade, suas diferentes formas, relacionamentos com outras divindades e santuários importantes são fornecidas de modo condensado. Existe uma variedade deliberada no visual do livro para destacar a diversidade na compreensão da individualidade. Adicionou-se também brilho e encanto étnicos para enaltecer o texto. Utilizamos todos os esforços para apresentar as inúmeras e diferentes formas artísticas indianas possíveis: esculturas em pedra, madeira, metal, argila, miniaturas, *pattachitra*, *madhubani*, *tanjore*, *phad*, *kalamkari*, *warli* etc., para mostrar o princípio unificador subjacente no trabalho de vários artistas. A unidade na diversidade tem sido sempre a força do Hindustão.

SUMÁRIO

Introdução, 9
Brahma, 17
Vishnu, 23
Shiva, 35
Hanuman, 43
Ganesha, 49
Devi, 57
Uma, 59
Parvati, 61
Durga, 65
Ganga, 71
Gayatri, 75
Saraswati, 77
Lakshmi, 79
Radha, 83
Sita, 85
Deuses menores, 87

INTRODUÇÃO

O hinduísmo é com freqüência rotulado como uma religião de 330 milhões de deuses. Essa falta de compreensão surge quando as pessoas não conseguem compreender o simbolismo do panteão hindu. Assim como uma força única no espaço pode ser matematicamente concebida como composta por vários elementos, o Ser Supremo ou Deus – a forma pessoal da Realidade Última – é concebido pelos hindus como possuindo vários aspectos. O mesmo acontece com todos os deuses e deusas: eles não são rivais, mas aspectos de um princípio único. Os hindus apresentam Deus sob inúmeras formas. Cada uma é somente um símbolo que aponta para um aspecto em particular; e como nenhuma esgota a natureza verdadeira de Deus, toda uma sucessão é necessária para completar a representação dos aspectos e manifestações de Dele. Foi dito que as imagens são para o devoto hindu o que os diagramas são para o geômetra. O devoto hindu, embora tenha geralmente uma forma particular de deus – o seu ou a sua *ishta deva*, ou deidade escolhida –, em quem centraliza sua devoção, move-se com facilidade entre um deus e outro. Coletivamente, o panteão de deuses representa o conceito hindu do Ser Supremo expressado como “Om”.

Esta sílaba mística engloba tudo que é sagrado no hinduísmo, a alma universal, Brahman.

Mas o criador da vida, Brahma, era *Nirguna*, sem forma, abstrato e intangível. As pessoas que desejavam se dirigir ao criador sentiam-se perdidas, pois precisavam de um semblante de “O Brahman” a quem pudessem oferecer suas orações. Então *Nirguna Brahman* evoluiu para *Saguna Brahman*. “O Brahman” surgiu como uma trindade masculina, um Deus de três faces chamado “Trimurti”.

A Trimurti tem uma forma humana, um corpo com três cabeças, que exprimem o ciclo da vida, com Brahma, o criador do Universo, Vishnu, o preservador, que mantém o *dharma* (a retidão) e a ordem, e Shiva, o destruidor. Até mesmo a própria Trimurti evoluiu quando cada um dos deuses encontrou suas esposas celestiais (deusas por direito próprio). A esposa de Brahma é Saraswati, a deusa do aprendizado. Lakshmi, a deusa da riqueza, é a de Vishnu, e Parvati, de Shiva. E a família continuou a crescer.

Assim Deus cresceu de um “Om” primordial para um panteão infinito de deuses, adorados devotamente por uma quantidade enorme de crentes.

DEUSES VÉDICOS

O povo da civilização do vale do rio Indu (de 3000 a 1500 a.C.) rezava para a Deusa Mãe. Rituais e religião ocupavam parte importante em sua vida diária. A famosa estátua de Mohenjodaro do Rei Sacerdote confirma o poder primordial conferido a um líder religioso. Selos esculpidos com inscrições de animais comprovam a antiga veneração da vaca. O fogo e as árvores também eram adorados.

Os árias da Ásia Central invadiram a Índia (cerca de 1500 a.C.). Sua religião consistia da adoração dos poderes da natureza. Os Vedas, uma coleção

de hinos, foram compostos em língua sânscrita pré-clássica durante o segundo milênio antes de Cristo.

Esses hinos védicos criaram o primeiro estágio da mitologia hindu. O Veda original é o Rig Veda. O Yajur Veda, o Sama Veda e o Atharva Veda foram compostos posteriormente. Os hinos dirigem-se aos elementos: Surya (o Sol), Agni (o Fogo), Indra (o Trovão), Vayu (o Ar) e Varuna (o Oceano).

Os elementos foram os primeiros deuses, de quem SURYA, o deus-sol, é o mais importante. O deus dourado Surya dirige uma carruagem puxada por sete éguas castanhas, e cada uma recebeu o nome de um dia da semana. Seus filhos gêmeos, os Ashvins, muitas vezes o precedem em sua carruagem reluzente. A *swastika* é o sinal de Surya, um símbolo da sua generosidade. A direção da *swastika* indica os quatro pontos cardeais, nos quais as varetas de incenso são colocadas durante os fogos védicos sacrificiais.

AGNI, o deus-fogo, era adorado com grande devoção. Seus sete braços alcançam os sete continentes. Ele é representado com um estômago distendido que representa sua capacidade de devorar. É de cor vermelha e monta um carneiro. Sua língua é uma chama que lambe o *ghee* (manteiga clarificada) do sacrifício. O sacrifício era um conceito central na religião ariana e o fogo exercia um papel importante. Presente em cada moradia, do rico e do pobre, Agni era a *sakshi* (testemunha) de todos os rituais sagrados, sacrifícios, ritos de casamento e funerários. Durante uma cerimônia de casamento védico, os noivos caminham em torno do fogo sete vezes para santificar seu matrimônio, pois Agni é considerado a testemunha e o representante de todos os deuses.

INDRA, o deus do céu, da chuva, portador do trovão e condutor do relâmpago, era o criador das tempestades com o seu Vajra (raio). Indra possui um elefante branco chamado Airavat. Ele conduz uma carruagem dourada puxada por cavalos, cujas crinas esvoaçantes indicam a velocidade em que ele viaja. As armas de Indra são o Vajra, o arco (o arco-íris), uma rede e um gancho.

Como deus do tempo e mantenedor da vida, luta contra o deus da seca e da morte. Os hinduístas aspiram viver em Swarga (céu) com Indra após a morte, pois, apesar das suas armas deslumbrantes, Indra é um deus pacífico, que oferece refúgio a todos que seguem o caminho do *dharma* (retidão).

VAYU é o deus do vento. É o pai do deus-macaco Hanuman e do príncipe Pandava Bhima. Inconstante e rápido, muitas vezes transporta Indra pelos céus. Sua montaria é um veado, e ele carrega uma roda em sua mão como símbolo da velocidade. Vayu é reverenciado por significar um sinal vital – o alento. Vayu é também chamado de Pavan, aquele que anima *prakriti* (a natureza). Como Pavan, é o dispensador das sementes difusoras da vida. Espalha o pólen para fazer as flores se abrirem e permeia o ar com perfumes florais.

VARUNA é o deus dos oceanos. É o elemento *vari* (água). Sua carruagem é dirigida pela força líquida das ondas do oceano. Varuna foi o primeiro deus da chuva, até que Indra assumisse essa função. Sob os oceanos, Varuna vive em um palácio submerso chamado Pushpagiri (montanha de flores). Sua montaria é um peixe chamado Makara. Nos hinos mais antigos, era descrito como o criador. Fixou as órbitas para os planetas, as direções dos ventos e do voo dos pássaros.

Os deuses védicos eram adorados com orações e sacrifícios. Sua própria concepção era ariana, por isso a maioria dos deuses dirigia uma carruagem puxada por cavalos. Os arianos introduziram o cavalo na Índia. O maior sacrifício era o Ashvamedha (o Sacrifício do Cavalo). Quando o rei não tinha um herdeiro masculino, podia entregar seu melhor garanhão às chamas. Então suas esposas passavam a noite próximas dos restos em brasa da carcaça. Acreditava-se que o espírito do animal tornaria férteis as rainhas. Os arianos acreditavam também que cem Ashvamedhas tornariam o rei imperador do mundo.

MÃE DIVINA

A adoração de Deus sob a forma de Mãe é uma característica única do hinduísmo. Atualmente, os hinduístas reverenciam a Mãe Divina sob várias formas populares como Durga, Kali, Lakshmi, Saraswati, Ambika e Uma.

Na visão hinduísta mais representativa, o universo é a manifestação do poder criativo (*shakti*) de Brahman. No hinduísmo, a Mãe Divina é a primeira manifestação da Energia Divina. Por isso, junto ao nome da Mãe Divina, surge a idéia de energia, onipotência, onipresença, amor, inteligência e sabedoria. Assim como uma criança acredita que sua mãe seja todo-poderosa e capaz de fazer tudo pelo filho, um devoto acredita que a Mãe Divina seja misericordiosa, todo-poderosa e que eternamente o orientará e protegerá com seus braços invisíveis.

DEIDADES PLANETÁRIAS

As nove deidades planetárias são também chamadas de Nava (nove) Grahas (planetas). Supõe-se que esses *grahas* exerçam um impacto significativo nas vidas de um indivíduo. A astrologia védica clássica utiliza os sete planetas visíveis: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno junto aos dois nodos lunares, os nodos norte e sul, Rahu e Ketu.

O SOL ou SURYA é um deus vivo, a quem todos podem ver e orar. É o doador de vida e, segundo os Vedas, é uma testemunha (*sakshi*) de todas as ações. ANGARAKA ou MARTE é visto como um deus de caráter marcial, vermelho em todos os aspectos. BRIHASPATI ou JÚPITER é reverenciado como o Guru dos *devas* e protetor do mundo.

BUDA ou MERCÚRIO é considerado o maior entre os sábios. Esse deus confere sabedoria e riqueza. Chefe entre os *gyanis* (almas realizadas), é conhecido

como Vishnu *roopi* devido à sua beleza. CHANDRA ou a LUA é um deus amável e amoroso. Sábios e devotos invocam a Deusa Mãe (irradiando o *amrit* para reforçar a mente) em Chandra e meditando por horas. Diz-se que os eclipses lunares e solares ocorrem devido a RAHU e KETU. (SHANI ou SATURNO é um protetor que pode se tornar destruidor caso se zangue.)

SHUKRA ou VÊNUS é o doador da vida longa, da riqueza, da felicidade, dos filhos, das propriedades e da boa educação. É o Guru dos *asuras*. Deus bondoso, abençoa os devotos com o poder de controlar seus *indriyas* (órgãos dos sentidos) e capacita-os a ganharem fama e nome.

DEIDADES ANIMAIS

Os hinduístas vêem a divindade em todas as criaturas vivas. As deidades animais, portanto, ocupam um lugar importante no *dharma* hinduista. Os animais têm sido utilizados pelos deuses como meios de transporte, sendo por isso reverenciados pelo homem. Cada deidade possui um veículo particular sobre o qual ele ou ela viaja. Esses veículos, que são animais terrestres ou pássaros, representam as várias forças que o deus ou deusa conduz. O veículo da deusa Saraswati, o gracioso e belo pavão, denota que ela é a controladora da busca pelas manifestações artísticas. Vishnu senta-se sobre a serpente primordial, que representa o desejo da consciência na humanidade. Shiva conduz o touro Nandi, que representa o poder bruto e cego, como também a energia sexual descontrolada no homem – qualidades que somente ele pode nos ajudar a controlar. Sua esposa, Parvati, Durga ou Kali, monta um leão, que simboliza a crueldade, a raiva e o orgulho – vícios que ela pode auxiliar seus devotos a controlar. O animal de Ganesha, um rato, representa a timidez e o nervosismo que nos esmagam a qualquer nova aventura – sentimentos que podem ser superados com as bênçãos de Ganesha.

Sem serem veículos, certos animais são reverenciados por direito próprio, por terem uma ligação celestial. AIRAVAT, o rei-deus dos elefantes, é a montaria do Senhor Indra. Esse elefante emergiu das águas quando o oceano estava sendo agitado pelos deuses. Por isso, seu nome deriva de *Iravat* (aquele produzido pela água). É também chamado de *Ardh-Matana* (elefante das nuvens), *Arkasodara* (irmão do sol), *Naga-Malla* (elefante lutador). Airavat possui quatro presas e é de cor branca.

GARUDA, uma deidade pássaro, com cabeça e asas de águia e algumas vezes com o restante do corpo semelhante ao de um homem, é chamado de rei dos pássaros, sendo também o veículo do Senhor Vishnu. Garuda é também conhecido pelo nome de *Vinayaka*, que partilha com o Senhor Ganesha. Por isso, acredita-se que esse deus-pássaro seja um removedor de obstáculos. Garuda não é reverenciado separadamente como um deus independente. É adorado junto a Vishnu. Sua imagem é colocada próxima a de Vishnu nos templos e nas pinturas em que é representado transportando a divindade pelos céus em suas costas. O irmão mais velho de Garuda é *Urud* ou *Aruna*, que é o cocheiro de *Surya*, o deus-sol. O filho de Garuda é *Jatayu*, que tentou resgatar *Sita* quando *Ravana* fugiu após tê-la raptado.

Dizem que *KAMDHENU*, a deidade da vaca sagrada, concede todas as vontades e desejos. Acredita-se que ela tenha emergido do *Samudra-manthan* (a agitação do oceano) e fora levada pelos sete deuses que formam a constelação da Ursa Maior no céu. Mãe de todas as vacas, ela é também chamada de *Surabhi*, *Shaval*, *Aditi* e *Kamduh*. *SHESH NAAG*, o deus-serpente, tem sido venerado e adorado há muitos séculos. É considerado o rei das regiões infernais chamadas *Patal*. O Senhor Vishnu dorme sobre o leito formado pelos seus anéis durante os intervalos da criação. *Shesh Naag* é também representado como aquele que sustenta o mundo em seu capelo.



A montaria de cada divindade

AGNI	carneiro
BRAHMA	cisne
DURGA	leão
GANESHA	rato
INDRA	elefante
KARTIKEYA	pavão
LAKSHMI	coruja
MAHESHWARI	touro
SARASWATI	cisne ou pavão
SHIVA	Nandi, o touro
SURYA	sete cavalos
VARUNA	sete cisnes
VAYU	mil cavalos
VISHNU	Garuda, a águia, e Shesh Naag, a serpente
VISHWAKARMA	elefante
YAMA	búfalo macho



Brahma

O SENHOR DA CRIAÇÃO

Brahma, o criador do universo, nasceu de *Hiranyagarbha* (o núcleo dourado). Quando se formou, Brahma colocou o *Hiranyagarbha* de volta nas águas e inspirou a criação do universo. Cada ser vivo origina-se dele e é um aspecto de Brahma.

A esposa de Brahma é Saraswati (a deusa do conhecimento superior). Quando Saraswati e Brahma se abraçam, criam o mundo. Desta forma, eles introduzem, juntos, a alma no ciclo da vida. Saraswati é a deusa da sabedoria e da ciência, a mãe dos Vedas e inventora do alfabeto devanágari. É representada como uma bela mulher com quatro braços, vestida de branco e sentada sobre um lótus branco. Como deusa das artes, ela está tocando ou segurando uma *veena* (instrumento de corda). Em uma de suas mãos direitas, segura um livro de folhas de palmeira, e na outra, um lótus. Em suas mãos esquerdas, mostra um fio de pérolas e um *damaru* (tambor pequeno).

Um dia na vida de Brahma é um *kalpa*, que engloba a duração de uma evolução. Cada *kalpa* mede quatro bilhões de anos humanos. Como Prajapati

(o criador), enquanto está desperto, o mundo assume uma forma, e quando está adormecido, tudo encolhe para um núcleo em repouso. A literatura védica mais recente descreve Brahma como o criador de Soma e Surya (Sol e Lua), e dá a eles o seu lugar nos céus. Ele cria Agni (fogo), deixa Vayu (vento) livre para vagar pelo mundo e faz Varuna (água) jorrar a vida na Terra.

Não existem templos para Brahma (exceto um em Pushkar, Rajastão) como existem para Shiva e Vishnu, pois não há um rito específico para Brahma como os cultos shivas ou vaishnavas.

Segundo a mitologia, supõe-se que Brahma foi amaldiçoado por Shiva (por ter proferido uma mentira e pelo seu ego) a não ser reverenciado, ainda que em todos os templos de Shiva e Vishnu exista uma imagem do Senhor Brahma na parede norte, e ele seja uma das *parivara devata* (deidades assistentes) importantes.

Dizem que, originalmente, Brahma possuía cinco cabeças. O Matsya Purana explica a razão disso. Ele afirma que Brahma criou uma mulher conhecida por diferentes nomes: Satarupa, Saraswati, Sandhya ou Brahmi. Devido à sua beleza, ele apaixonou-se por ela e olhou-a fixamente com desejo.

Para evitar esse olhar, ela moveu-se para a esquerda, depois para trás dele e depois para a direita. Mas uma cabeça brotava voltada para cada direção, permitindo que Brahma continuasse a vê-la. Em desespero, ela pulou no ar, e uma quinta cabeça surgiu no topo. Brahma, então, pediu-lhe que o auxiliasse a criar o universo. Ele viveu com ela por cem anos divinos, e no final destes nasceu Manu.

Existem explicações diferentes para Brahma apresentar somente quatro cabeças agora, diferentemente das cinco originais. Segundo os Puranas, Brahma e Vishnu estavam uma vez discutindo sobre quem era o superior entre os dois. Quando compreenderam que Shiva era o Ser Supremo, Brahma falou dele em tom depreciativo. Com raiva, Shiva cortou a cabeça que falara.

Brahma é geralmente representado como uma deidade de quatro faces com barba, quatro braços e de cor vermelha. Carrega um rosário em sua mão direita superior, um livro na mão esquerda superior, um *kamandal* (pote de água) na mão esquerda inferior e concede a graça com sua mão direita inferior. As quatro faces representam o conhecimento sagrado dos quatro Vedas (Rig, Yajur, Sama e Atharva), simbolizando que Brahma é a fonte de todo o conhecimento necessário para a criação do universo. Os quatro braços representam as quatro direções e também a onipresença e a onipotência do Senhor Brahma. Diferentemente das outras deidades, Brahma não carrega nenhuma arma.

O rosário simboliza o ciclo do tempo pelo qual o mundo se move da criação para sustentação, da sustentação para a dissolução e da dissolução para uma nova criação. O rosário também simboliza os materiais utilizados no processo da criação. Sua posição na mão direita posterior sugere o uso inteligente desses materiais no processo da criação.

Um livro na mão esquerda posterior (simbolizando o intelecto) ilustra que o conhecimento correto é importante para qualquer tipo de trabalho criativo. Um pote de água (*Kamandal*) na mão esquerda anterior simboliza a energia cósmica por meio da qual Brahma coloca o universo em existência. A mão simbolizando o ego (a mão direita anterior) é mostrada no gesto de conferir a graça. Isto representa a idéia de que o Senhor concede a graça e protege todos os devotos sinceros.

A cor dourada simboliza a atividade, e por isso a face dourada de Brahma indica que o Senhor está ativo durante o processo da criação. A cor branca da barba denota a sabedoria, e o seu comprimento representa a idéia de que a criação é um processo eterno. A coroa na cabeça implica que o Senhor detém o poder e autoridade suprema sobre o processo da criação.

O lótus simboliza a Realidade Suprema, a essência de todas as coisas e seres no universo. Brahma sentado ou de pé sobre um lótus indica que ele

representa o poder criativo da Realidade Suprema. A cor branca simboliza a pureza. Portanto, Brahma vestindo roupas que não são totalmente brancas representa a natureza dual da criação, isto é, a pureza e a impureza, a felicidade e a infelicidade, o vício e a virtude, o conhecimento e a ignorância, e assim por diante.

Na mitologia hindu, diz-se que um cisne possui uma faculdade discriminadora única que o capacita a distinguir o leite puro de uma mistura de leite e água. Por isso, o cisne é usado para simbolizar o poder do discernimento. Brahma utiliza o cisne como veículo. Isso pretende representar a idéia de que, embora a criação seja pluralística em sua natureza, existe somente uma Realidade Suprema da qual emana o universo inteiro. Esse conhecimento pode ser adquirido por um indivíduo que treine sua mente e seu intelecto para adquirir o poder de discernimento.

Como a criação é o trabalho da mente e do intelecto, o Senhor Brahma representa a Mente Universal. Do ponto de vista de um indivíduo, Brahma simboliza seu próprio pensamento. Como um indivíduo é naturalmente dotado desse poder de reflexão, pode-se dizer que ele já concebeu Brahma. Também por esta razão, a adoração a Brahma não é muito popular. Ele é, entretanto, venerado pelos que buscam conhecimento, como estudantes, professores, eruditos e cientistas.



Templo Brahma de Jagat

O templo Brahma de Jagat, o único em funcionamento na Índia dedicado ao Senhor Brahma, criador do universo, encontra-se em Pushkar, uma pequena cidade na fronteira do deserto do Rajastão. Segundo o Padma Purana, foi ali que Brahma matou um demônio com uma flor de lótus. As pétalas da flor caíram em três pontos, de onde emergiram lagos. Como a *pushpa* (flor) caiu da *kar* (mão) de Brahma, o lugar recebeu o nome de Pushkar. Os lagos estão localizados em um raio de 10 quilômetros. A Antiga Pushkar, onde estão localizados os hotéis, é considerada o lugar mais sagrado, porque as pétalas do lótus caíram primeiro ali. A Pushkar Média situa-se a 3 quilômetros de distância e possui um pequeno templo dedicado a Hanuman e uma árvore baniana de 200 anos. A Nova Pushkar, 3 quilômetros ao norte, possui um pequeno templo dedicado a Krishna.

Acredita-se que se banhar no lago Pushkar na Kartika Purnima (o dia da lua cheia entre os meses de outubro e novembro) confere a salvação. Diz-se que o benefício total do banho no lago Pushkar ocorre durante os últimos cinco dias do mês de Kartika. Segundo o folclore, aqueles que se banham nessa época são libertados de todos os pecados e irão ao céu quando deixarem seus corpos. Também se acredita ser especialmente venturoso realizar o *parikrama* (andar em torno) das três Pushkars (16 quilômetros) no Kartima Purnima. Gaya Kund, próximo da Nova Pushkar, é onde as pessoas realizam o *puja* (cerimônia de adoração) para a salvação dos seus ancestrais.

Prosseguindo com a lenda, Brahma resolveu realizar, em Pushkar, um *yajna* (rito de sacrifício) sagrado. Ele deveria realizá-lo junto a sua esposa, Saraswati. Na hora marcada para o *yajna*, Saraswati atrasou-se porque estava esperando suas acompanhantes. A hora era tão auspiciosa que Brahma não poderia deixar passar o momento sem o *yajna* pretendido. Pediu então a Indra que encontrasse uma moça adequada para sentar-se ao seu lado como sua esposa durante o rito. Indra trouxe Gayatri. Brahma casou-se com ela e aproveitou a ocasião. Nesse momento, Saraswati chegou, viu Gayatri no seu lugar e ficou profundamente zangada. Saraswati amaldiçoou Brahma, dizendo que ele só poderia ser adorado em Pushkar. Saraswati então retirou-se para Rathkagir, uma montanha no sul de Pushkar, onde existe um templo dedicado a ela.

Degraus de mármore conduzem ao templo de Brahma, onde uma tartaruga de prata está gravada em relevo no chão, voltada para o altar. Em torno da tartaruga, um piso de mármore incrustado de centenas de moedas de prata, tal qual as paredes do templo. Imagens do pavão, o veículo de Saraswati, esposa de Brahma, adornam as paredes do templo. Brahma é aqui mostrado em tamanho natural, com quatro mãos e quatro faces voltadas para quatro direções diferentes. Um *hans* (cisne, montaria oficial de Brahma) atravessa o portão para o templo, que é coroado com uma ponta vermelha. Estátuas de Gayatri e Saraswati encontram-se, respectivamente, à esquerda e à direita da imagem de Brahma.



Vishnu

O SENHOR DA PRESERVAÇÃO

Vishnu é o Senhor da proteção, sustentação e manutenção. Sua esposa, Lakshmi, é a dona da riqueza, que é necessária para a subsistência. A deusa Lakshmi representa não somente a riqueza material, mas a da coragem, da prole, do sucesso, do alimento, da vida luxuosa e da felicidade eterna. Vishnu e Lakshmi auxiliam, desta forma, as almas introduzidas no ciclo vital por Brahma a sobreviverem.

O Senhor Vishnu representa o aspecto da Realidade Suprema que preserva e sustenta o universo. Embora existam variações nas imagens e representações do Senhor Vishnu, ele é geralmente simbolizado por um corpo humano com quatro braços. Em suas mãos, carrega uma concha (*shankha*), uma clava (*gada*) e um disco (*chakra*). Usa uma coroa, dois brincos, uma guirlanda (*mala*) de flores e um colar vermelho em torno do pescoço. Tem o corpo azul e usa roupas amarelas (conhecidas por isso como Pitambara). O Senhor é mostrado reclinado sobre uma cobra de mil cabeças (chamada Ananta ou Shesh Naag), que permanece com seu capelo aberto sobre a cabeça do Senhor.

Os quatro braços indicam a onipresença e a onipotência de Vishnu. Uma concha na mão esquerda superior indica que o Senhor se comunica com seus devotos com amor e compreensão. Ao soprar a concha, lembra aos seus devotos para viverem neste mundo com gentileza e compaixão por todos os seres vivos. Um *chakra* em sua mão direita superior transmite a idéia de que o Senhor utiliza esta arma para proteger seus devotos do mal. A clava significa energia e, estando na mão esquerda inferior do Senhor, indica que ele sustenta o mundo manifesto pela energia que traz em si. Sua mão direita inferior é representada conferindo a graça sobre os seus devotos.

A cobra representa a mente, e suas mil cabeças significam os muitos desejos e paixões de um indivíduo. Assim como a cobra destrói sua vítima com o veneno, uma mente descontrolada destrói o mundo pelo veneno da sua possessividade. O Senhor controlou todos os desejos, e isto é simbolizado por ele estar sentado ou reclinado sobre a cobra enrolada. Quando um devoto sincero controla suas vontades, o Senhor realiza seus desejos genuínos e auxilia-o em seu caminho.

O céu azul ao fundo sugere que o Senhor permeia todo o universo. Essa cor simboliza o infinito, e o corpo azul do Senhor significa que ele possui atributos infinitos. Ele não tem nome, forma e é imensurável. A cor amarela está associada à existência terrena, e as roupas amarelas do Senhor significam que ele encarnou nesta Terra para manter a retidão e destruir o mal.

Uma guirlanda de flores em torno do pescoço do Senhor é um símbolo da adoração de seus devotos. Um colar vermelho adornando seu pescoço significa que o Senhor realiza todos os desejos genuínos dos seus devotos e provê suas necessidades. A coroa é um símbolo do poder supremo e da autoridade do Senhor. Os dois brincos significam a natureza dual da criação, tais como o conhecimento e a ignorância, a felicidade e a infelicidade, o prazer e a dor.

Vishnu, o preservador da vida humana, é um dos três deuses da Trimurti. É generoso, sendo conhecido como Sattvaguna (gentil e misericordioso). Vishnu é o único deus da Trimurti que renasce sempre que há uma crise na Terra. Segundo os Puranas, se o *dharma* (retidão) for alterado, Vishnu desce à Terra como um *avatar* (uma forma humana) para lutar contra as forças do mal.

O Bhagavata, entre outras fontes, diz que existem 22 *avatares* de Vishnu. Contudo, a crença mais amplamente aceita é a de que existem dez *avatares*, conhecidos como Dashavatara. Todos são reverenciados, porém acredita-se que o sétimo, Rama, e o oitavo, Krishna, sejam grandes heróis e adorados como deuses por direito próprio. Entre os *avatares* de Vishnu, acredita-se que os quatro primeiros surgiram na Krita Yuga, o quinto, o sexto e o sétimo na Treta Yuga, o oitavo na Dwapara Yuga e o nono na Kali Yuga. O décimo *avatar* ainda surgirá, e acredita-se que ele virá no final da Kali Yuga.

Visto em ordem, o Dashavatara representa a evolução da humanidade desde o estágio do peixe até o *purusha* (homem). Esses *avatares* foram: Matsya (peixe), Kurma (tartaruga), Varaha (javali), Narasimha (homem-leão), Vamana (anão), Parashurama (um guerreiro poderoso), Rama, Krishna, Buda e Kalki (cavalo branco).

Sempre que Vishnu desce à Terra, ele se casa com Lakshmi (sua esposa deusa). Eles estão destinados a se casarem tanto na Terra como no céu. Quando Vishnu foi Rama, Lakshmi nasceu como Sita. Com Krishna, ela casou-se como Rukmini.

Divya Desams

Considera-se que os Azhwars foram *amshams* (avatares parciais) do Senhor Vishnu, enviados por ele à Terra para continuar os bons atos que realizara durante os seus nove *avatares* anteriores. Os Azhwars passavam o tempo cantando incessantemente ao Senhor por saberem que Ele lhes garantiria *moksha* (a salvação final). Eles foram considerados superiores aos Rishis porque, diferentemente destes (que ficavam nas florestas realizando *yajnas* para atingir *moksha*), os Azhwars passavam seu tempo entre os mortais comuns e mostravam que mesmo uma pessoa normal pode seguir o caminho em direção a *moksha* por meio da sua devoção.

Para conduzir às pessoas a *moksha* por meio da adoração ao Senhor, os Azhwars partiram para vários locais sagrados em busca dos lugares onde Sri Vishnu tinha vindo a este mundo. Eles identificaram 108 locais como Divya Desams.

Entre os 108 Divya Desams, acredita-se que os oito citados a seguir foram automanifestados (não criados por mãos humanas), conhecidos como Swayamvakta Kshetras. São eles: Sri Rangam, Sri Mushnam, Tirumala, Shalagram, Naimisaranya, Thotadri, Pushkar e Badrinath.



VISHNU DASHAVATARA

Uma grande inundação certa vez ameaçou submergir a Terra. Manu, o regente da Terra, para homenagear os deuses, pegou uma tigela com água para rezar. Nela apareceu um peixe que lhe disse que, se cuidasse dele, o salvaria da inundação. Manu concordou e levou o peixe para o oceano.

No oceano, Matsya, o peixe, cresceu até ficar do tamanho de uma baleia e ensinou a Manu como construir um barco que poderia velejar durante a inundação. Enquanto o dilúvio arrasou a Terra, e ondas traiçoeiras levantavam do oceano, Manu permaneceu a salvo. Matsya foi a corda que rebocou o barco de Manu para um lugar seguro. Quando eles atingiram a praia, encontraram uma terra morta e estéril, devastada pela tempestade. A carga de Manu continha as sementes para cada forma de vida, com as quais pôde semear o mundo. Vishnu, como Matsya, sustentou Brahma, que renovou o mundo.

Existem várias versões nos Puranas sobre a maneira como Vishnu assumiu o aspecto de um peixe para rebocar o barco no qual Manu tinha se refugiado da inundação devastadora. A mesma história é encontrada no Mahabharata, em que o peixe é descrito como tendo um chifre, e no Bhagavata Purana ela é ainda mais elaborada, pela adição de uma luta entre Matsya e o demônio Hayagriva (com cabeça de cavalo), que havia roubado os Vedas enquanto Brahma estava adormecido.

Após o dilúvio, vários tesouros cósmicos afundaram no oceano. Os *asuras* (demônios) entraram em disputa contra os *devas* (deuses menores) para revolver os oceanos em busca do *amrit* (néctar da imortalidade).

Vishnu apareceu como Kurma (tartaruga) e ficou do lado dos *devas*. Juntos, decidiram que produziriam uma forte agitação para obter o *amrit*. A serpente Vasuki foi enrolada em torno do monte Mandara para criar um batedor. Kurma mergulhou no fundo do oceano e balançou o monte em suas costas. Sob o poder da força cósmica de Kurma, o monte Mandara não pôde afundar.

no leito do oceano. Os deuses revolveram as águas, e o néctar da imortalidade veio para suas mãos.

Eles continuaram a revolver, e surgiram 14 tesouros. Para Kurma, o mais precioso foi Lakshmi, a deusa da beleza e da boa sorte, que seria sua esposa.

Os outros tesouros foram: Dhanvantari (médico dos deuses, que carrega o pote com o *amrit*), Sura (deusa do vinho), Chandra (lua), Rambha (ninfa celeste), Kaustubha (a pedra preciosa para o corpo de Vishnu), Uchchaihshravas (o cavalo divino, rápido como o pensamento), Parijata (a árvore que realiza os desejos), Surabhi (a vaca que realiza os desejos), Airavata (o elefante de quatro presas), Panchajanya (concha), Sharanga (o arco invencível) e Visha (veneno).

Quando o demônio Hiranyaksha arrastou Bhoomi Devi (Mãe Terra) para baixo das águas, Vishnu assumiu a forma de Varaha (javali selvagem). Após uma batalha feroz, subjuguou o demônio e trouxe Bhoomi Devi de volta. Ele empurrou a terra com seu focinho, formando uma dobra – as montanhas do Himalaia. Ele tirou mais terra do mar e moldou os continentes.

Certa vez, um rei demônio tirânico Hiranyakashipu atormentou o mundo. Ele tinha o privilégio de não poder ser morto por nenhum homem ou animal selvagem, dentro ou fora do palácio, de dia ou de noite. Nenhum deus podia superá-lo e, a cada batalha que vencida, crescia seu orgulho. Adotando a forma de um homem com cabeça de leão, Narasimha, Vishnu aproximou-se do palácio ao anoitecer e escondeu-se em uma coluna na entrada, da qual pulou e matou Hiranyakashipu. Algumas esculturas mostram esse incidente acontecendo dentro de uma coluna, enquanto outras apresentam Narasimha com Hiranyakashipu em seu colo, rasgando suas entranhas.

Bali, o bisneto de Hiranyakashipu, era um monarca virtuoso e justo. Sua regência era tão bem-sucedida que sua reputação começou a ofuscar a de Indra, que foi obrigado a pedir a ajuda de Vishnu para obter novamente a supremacia. Sem desejar usar medidas duras contra um regente tão exemplar, Vishnu recorreu a um estratagema. Disfarçou-se de Vamana (anão) e pediu

a Bali que lhe desse um pedaço de terra igual a três passos seus, sobre o qual ele pudesse se sentar e meditar. Bali alegremente concordou com o pedido. Vishnu então utilizou seus poderes sobrenaturais para obter a posse do céu e da Terra com dois passos, privando Bali do seu reino. O terceiro passo de Vamana teria atingido o mundo inferior, porém Bali curvou-se diante dele, compreendendo que deveria ser Vishnu. Satisfeito com a humildade de Bali, Vishnu poupou-o e concedeu-lhe um reino no outro mundo. A imagem de Vamana segura um *kamandal* em sua mão direita e um bastão na esquerda.

Com a encarnação de Parashurama, existe uma mudança do tipo de mitologia no qual se baseavam os *avatares* precedentes. A maioria das histórias relacionadas às outras cinco encarnações ocorre em um plano sobre-humano, enquanto as relacionadas a Parashurama apresentam um elemento mais mundano. A história por trás do nome e da aparência desse *avatar* diz respeito ao filho do sábio Jamadagni, Rama, que se tornou um brilhante arqueiro. Em gratidão por esta habilidade lhe ter sido conferida, ele foi para o Himalaia e adorou Shiva por muitos anos. Shiva ficou satisfeito com sua devoção e, quando teve início a guerra entre deuses e demônios, ordenou a Rama que derrotasse os demônios. Rama, naquela época, estava sem o seu arco e perguntou a Shiva como poderia cumprir a ordem sem ter com o que lutar. Shiva assegurou-lhe que, se ele fizesse conforme lhe fora dito, subjugaria os demônios, e Rama assim fez. Como recompensa, Shiva deu a Rama vários dons e armas; uma delas foi um magnífico machado (*parashu*), pelo qual Rama ficou conhecido como Parashurama (Rama-com-machado). Vishnu, contudo, em outra história, tornou-se essa encarnação de Parashurama por uma razão totalmente diferente. Foi o resultado de uma rixa, que começara porque um rei tinha roubado de seu pai, Jamadagni, uma vaca que realizava desejos. Parashurama conseguiu sua vingança pelo roubo matando o rei. Em resposta, os filhos do rei mataram o pai de Parashurama. Vishnu assumiu a forma de Parashurama não somente para conseguir a vingança, mas para

livrar o mundo de toda a opressão dos reis, o que alcançou com 21 batalhas. Parashurama é a primeira encarnação na qual Vishnu aparece sob uma forma completamente humana, ao mesmo tempo que mantém sua posição como uma deidade. Suas imagens representam-o quase sempre com duas mãos, segurando um machado em sua mão direita.

Diz-se que a sétima encarnação do Senhor Vishnu, Rama, nasceu na Terra para matar o demônio Ravana e aniquilar as forças do mal daquele tempo. Acredita-se amplamente que ele seja uma figura histórica real, cujas façanhas formam o grande épico hindu Ramayana, escrito pelo antigo poeta sânscrito Valmiki. Na história do Ramayana, a personalidade de Rama apresenta-o como filho perfeito, irmão devotado, marido fiel, amigo confiável, rei ideal e nobre adversário. Era o filho mais velho do rei Dasharatha, que governava o reino de Ayodhya, no norte da Índia. Ainda no início de sua vida, um sábio chamado Vishwamitra reconheceu Rama como um *avatar* de Vishnu e buscou sua ajuda na matança dos demônios. Desde a adolescência, em sua luta contra o mal, Rama sempre foi vitorioso. Suas primeiras vitórias prenunciaram a grande batalha e o assassinato de Ravana, o rei demônio de Lanka. Rama não é muito diferente do Senhor Vishnu ou de Krishna quanto a sua aparência. Ele é, com frequência, representado como uma figura de pé, segurando uma flecha em sua mão direita, um arco na esquerda e com uma aljava nas costas. Uma estátua de Rama geralmente é acompanhada por outra, de sua esposa, Sita (*avatar* de Lakshmi), do irmão Lakshmana e do lendário servidor macaco Hanuman. Ele é representado com adornos de príncipe, com um *tilak* ou marca na testa e com uma pele escura, quase azulada, que mostra sua relação com Vishnu. A natureza compassiva de Rama e sua crença no dever elevaram-no a Maryada Purusha, ou homem ideal. Dois dos maiores eventos festivos da Índia são: Dussehra, que comemora o cerco de Lanka e a vitória de Rama sobre Ravana, e Diwali, o festival das luzes, que celebra a volta de Rama e Sita ao seu reino em Ayodhya.

Em seu oitavo *avatar*, Vishnu foi Krishna, o maior mestre, cujas palavras formam a inestimável escritura hindu, o Bhagawad Gita, ou a orientação para a vida. Krishna nasceu no oitavo dia do mês sagrado de Shravana, em Mathura, no norte da Índia. Kamsa, o demônio, tinha sido avisado que o oitavo filho de Devaki e Vasudeva selaria seu destino. Kamsa aprisionou Devaki ainda grávida, junto a Vasudeva. Os deuses conspiraram; a criança foi levada para Yashoda e Nand, criadores de gado que viviam em Vrindavana.

Quando criança, Krishna era travesso, gostava de manteiga, sendo carinhosamente chamado de Makhan Chor (ladrãozinho de manteiga). Seus colegas de infância foram os *gopas* (meninos vaqueiros) e as *gopis* (meninas vaqueiras), que lhe eram muito devotados. Entre todas as *gopis*, Radha foi quem mais amou Krishna. Nas florestas de Vrindavana, Krishna, muitas vezes, tocou sua flauta enquanto as *gopis* dançavam em êxtase. Elas representam as almas individuais aprisionadas em corpos físicos. Radha simboliza a alma individual que é desperta pelo amor a Deus, sendo absorvida nesse sentimento. O som da flauta de Krishna representa o chamado do Divino pelas almas individuais. A dança das *gopis* e Krishna (Rasa Lila) significa a união do humano com o Divino, a dança das almas.

Krishna casou-se com Rukmini, uma encarnação de Lakshmi. O irmão de Rukmini tinha prometido sua mão em casamento a Shishupal, uma encarnação de Ravana. No dia do seu casamento, ela fugiu com Krishna. Mas antes que pudessem se casar, Krishna teve de matar os demônios Shishupal e Jarasandha.

Assim como seu cocheiro no campo de batalha de Kurukshetra, Krishna foi o primeiro a ver Arjuna transtornado ao descobrir que causaria a morte dos seus gurus e dos seus parentes. Enquanto os exércitos dos Pandavas e dos Kauravas se encaravam com seus arcos retesados, Krishna recitou o Bhagawad Gita, a essência da filosofia hindu. Embora cada fase de sua vida seja marcada por uma batalha contra o mal, Krishna é mais respeitado pelo

Bhagavad Gita. Em todas as encarnações, o Senhor Krishna é reverenciado como uma encarnação total e completa (*purna avatar*) do Senhor Vishnu.

Como Buda, Vishnu foi um grande mestre religioso da Índia. Gautama, o Buda, nasceu em 544 a.C., em Lumbini, Nepal. Entristecido pela compreensão de que a vida não tinha significado e era uma passagem vazia de um estado de ser para o seguinte, o príncipe entrou em meditação profunda sob uma árvore Bodhi próximo a Gaya, até que finalmente alcançou a iluminação no dia da lua cheia de Vaishakh. Tornou-se, então, conhecido como o Buda. Ele atingiu o Nirvana, ou a extinção do ego e a libertação do ciclo de renascimentos, também em um dia de lua cheia de Vaishakh.

O *avatar* final de Vishnu será como Kalki. No final da presente era (Kali Yuga) ele virá cavalgando um cavalo branco. As previsões dizem que Kalki estará brandindo uma espada flamejante e destruirá todo o mal sobre a Terra. Depois disso, reinará a pureza novamente em outra Treta Yuga.



Badrinath

Aninhado entre os picos gêmeos de Nar e Narayan, nas montanhas do Himalaia, está Badrinath, nas margens do rio Alaknanda, em Uttaranchal. Com as montanhas Neelkanth ao fundo, o santuário é dedicado a Vishnu. O templo atual foi construído há cerca de dois séculos pelos reis Garhwal. Existem 15 imagens no complexo do templo, cada uma esculpida em pedra negra. A imagem principal representa Vishnu em postura meditativa, flanqueado por Nara-Narayan. A lenda situa-a em uma época anterior à era

védica, embora se acredite que tenha sido restabelecida por Adi Shankaracharya no século 8 d.C. Algumas outras imagens incluem Lakshmi (esposa de Vishnu), Garuda (montaria de Vishnu), Shiva, Parvati e Ganesha.

Em torno do templo principal de Badrinath, existem quatro outros templos Badri menores. Eles são coletivamente chamados de Pancha Badris, ou cinco Badris.

Yogadhyan Badri

Mais próximo do templo principal de Badrinath, está o diminuto e sonolento povoado de Pandukeshwar, que é a moradia de inverno para o ídolo em Badrinath. Acredita-se que o rei Pandu, pai dos Pandavas, instalou uma estátua de bronze chamada Yogadhyan Badri. Alguns anos atrás, foram descobertas aqui quatro antigas lâminas de metal gravadas com uma descrição de vários reis da região. Supostamente com mais de 1.500 anos, essas lâminas estão guardadas em Joshimath, 30 quilômetros rio abaixo.

Bhavishya Badri

O bhavishya, ou futuro Badri, está situado em Subain, próximo a Tapovan, cerca de 20 quilômetros a leste de Joshimath. Segundo a crença hindu, quando o mal estiver em ascensão neste mundo, as montanhas de Nara e Narayan, em Badrinath, se fecharão uma sobre a outra e destruirão a rota para a atual Badrinath. Isto também marcaria o fim do mundo atual e o início de um novo. O Senhor Badrinath então surgirá no templo de Bhavishya Badri e será adorado lá, e não mais no templo atual.

Vridha Badri

Vridha Badri, ou antigo Badri, é o terceiro templo em uma aldeia chamada Animath, próximo a Joshimath, na rodovia principal que liga Rishikesh a Badrinath. A lenda diz que, quando o rishi Narada fez seu *tapasya* (prática de penitências) aqui, o Senhor Vishnu apareceu. Acredita-se que Badrinath era adorado aqui antes da sua entronização por Shankaracharya no local principal, em Badrinath. O templo de Vridha Badri fica aberto durante o ano inteiro.

Adi Badri

Adi Badri é o mais distante dos outros quatro Badris. É acessível por Karnaprayag por uma rodovia a caminho para Ranikhet. O complexo possui 16 templos pequenos com entalhes intrincados. Sete deles pertencem ao último período Gupta. A tradição local atribui essas construções a Shankaracharya. O templo principal caracteriza-se por uma plataforma elevada em forma piramidal, com uma imagem em pedra negra de Vishnu.



SHIVA

O SENHOR DA DESTRUIÇÃO

Shiva é conhecido como o destruidor na Trimurti. Ele possui 1.008 nomes, incluindo Mahadeva (o grande deus), Mahesh, Rudra, Neelkantha (o de garganta azul) e Ishwar (o deus supremo). É também chamado de Mahayogi, ou o grande asceta, que simboliza a forma mais elevada de penitência austera e meditação abstrata, a qual resulta na salvação.

O nome Shiva não aparece nos Vedas. Entretanto, ele é identificado com o deus védico Rudra, senhor dos cantos, dos sacrifícios, da nutrição, curador das doenças e aquele que provê as posses. Diz-se que Shiva possui cinco faces, que correspondem às suas cinco tarefas, as *panchakriya*: criação, estabelecimento, destruição, perdão e graça. Suas cinco faces estão associadas à criação da sílaba sagrada Om.

Diz-se que Shiva mora no monte Kailasha, no Himalaia. Seu veículo é Nandi, o touro, e sua arma é o *trishul* (tridente). A esposa de Shiva é Parvati, que também acredita-se ser uma parte de Shiva. Uma das formas mais populares de Shiva é a de Ardhanarishvara. Segundo uma história nos

Puranas, Brahma não foi bem-sucedido na criação. Favoreceu então Shiva, que assumiu esta forma e separou Parvati do seu corpo. Parvati possui muitas encarnações, como Kali, Durga e Uma. Seus filhos são Kartikeya e Ganesha. Acredita-se que Shiva tenha um grande número de serviçais, chamados *ganas*. Esses seres mitológicos possuem corpos humanos com cabeça de animal. Ganesha, filho de Shiva, é o líder dos *ganas*.

O Linga Purana diz que Brahma e Vishnu estavam uma vez discutindo sobre quem era o ser supremo. De repente, surgiu diante deles uma enorme coluna de fogo. Ambos decidiram descobrir o final de cada um dos lados dela. Quem retornasse primeiro seria reconhecido como o ser supremo. Vishnu assumiu a forma de um javali e cavou a terra. Brahma, sob a forma de cisne, voou para o alto. Buscaram por dias seguidos, mas foi em vão. Então, Shiva apareceu no fogo. Brahma e Vishnu compreenderam seu erro e reconheceram Shiva como o Ser Supremo. O Shivalinga representa essa coluna.

Os Shivalingas adorados nos templos são feitos principalmente de pedra e consistem de três partes. A porção inferior, na forma de um quadrado, simboliza Brahma (o Senhor da Criação). A parte do meio, com a forma de um octógono, simboliza Vishnu (o Senhor da Preservação). Essas duas partes ficam dentro de um pedestal. O cilindro que se projeta do pedestal simboliza Shiva (o Senhor da Destruição).

Como as tarefas do Senhor Shiva são numerosas, ele não pode ser representado em uma única forma. Por essa razão, as imagens de Shiva variam significativamente em seu simbolismo. Imagens de Shiva em sua forma física mostram-no como uma figura meditativa, que acalma. Seu corpo despido está coberto de cinzas. O corpo desnudo simboliza o aspecto transcendental do Senhor. Como tudo é reduzido a cinzas quando queimado, elas simbolizam o universo físico. As cinzas no corpo despido do Senhor significam que Shiva é a fonte de todo o universo, mas ele transcende os fenômenos físicos e não é afetado por eles. O Senhor Shiva é o mestre do ioga. Os cabelos

trançados em sua testa representam a integração das energias física, mental e espiritual no ioga.

Seus ornamentos não são o ouro nem as pedras preciosas. Ele usa uma cobra Vasuki em torno do pescoço. É também conhecido como Neelkantha (o de garganta azul), pois mantém o veneno de Vasuki em sua garganta. As lendas datam da época em que os deuses agitaram os oceanos. O veneno de Vasuki ameaçou o mundo, e somente Shiva podia colocá-lo em sua boca. Ele manteve-o em sua garganta para sempre e recebeu o nome de Neelkantha. Vasuki Naga é mostrada enrolada três vezes em torno do pescoço do Senhor e olha para o seu lado direito. As três voltas da cobra simbolizam o passado, o presente e o futuro – o tempo em ciclos. O Senhor usando a cobra enrolada como um ornamento significa que a criação se processa em ciclos e depende do tempo, mas o próprio Senhor transcende o tempo. O lado direito do corpo simboliza as atividades humanas baseadas no conhecimento, na razão e na lógica. A cobra olhando para o lado direito do Senhor significa que as leis eternas do Senhor da razão e da justiça preservam a ordem natural no universo. Rudra é um outro nome de Shiva e significa “rigoroso ou sem compromisso”. *Aksha* significa olho. O colar de rudraksha usado pelo Senhor ilustra que ele segue firmemente suas leis cósmicas – sem compromissos – para manter a lei e a ordem no universo. O colar tem 108 contas, que simbolizam os elementos utilizados na criação do mundo. Ele usa um par de brincos desiguais que simbolizam o fato de ele ser um Ardhanarishvara (metade homem, metade mulher). Um brinco é um Kundala, usado pelos homens, e o outro é um Tatanka, usado pelas mulheres. A lua crescente adorna sua coroa representando seu controle sobre o ciclo do tempo.

Também conhecido como Pashupati, Senhor dos animais, Shiva senta-se sobre uma pele de tigre, subjugando a agressão. Uma das mãos está levantada em *abhaya-mudra*, pois ele é a força benevolente da destruição. Exibe em sua testa um terceiro olho, que é a fonte de conhecimento e sabedoria. O sagrado

Ganga aprisionado em suas madeixas significa que o Senhor destrói o pecado, remove a ignorância e confere conhecimento, pureza e paz aos devotos. Em um de seus braços, Shiva segura o *trishul* (um tridente representando as três *gunas*: *sattva*, *tamas* e *rajas*) e, no outro, um *damaru* (pequeno tambor simbolizando a atividade criativa). Seu *vahana* é Nandi, o touro, que simboliza tanto o poder quanto a ignorância. O fato de o Senhor Shiva utilizar um touro como veículo representa a idéia de que ele remove a ignorância e confere o poder da sabedoria aos seus devotos.

Shiva sentado sobre o campo de cremação significa que ele é o controlador da morte no mundo físico. Como nascimento e morte são cíclicos, o controle de um significa o controle do outro. Assim, o Senhor Shiva é reverenciado como o controlador final do nascimento e da morte.

Essa descrição deveria representá-lo como uma imagem zangada e destruidora: embora sendo a fonte de todo o conhecimento, ele está com frequência em uma pose meditativa e com os olhos semicerrados, olhando para o universo como também para o seu ser interior. Isso significa que o seu ato de destruição é em si mesmo um ato de criação, pois na ausência de um não pode haver o outro.

Historicamente, Shiva revela-se nos textos seculares e nos religiosos. Sendo um rei dravidiano, ele casou-se com Sati, filha de um rei ariano. O pai de Sati, Daksha, se opôs à união. Após o casamento, em um *yajna* (sacrifício) realizado por Daksha, Shiva foi ignorado pelo sogro, que o achou "não-civilizado". Sati não suportou a humilhação do marido e pulou dentro do fogo sacrificial. Quando Shiva chegou para recolher as cinzas, só conseguiu expressar sua profunda dor e pesar por meio de uma dança violenta chamada Tandava. Deixou toda a criação aterrorizada, pois dançou em volta da Terra sete vezes.

Ao ver que nada pacificaria Shiva, os deuses temeram que sua tristeza destruísse a Terra. Decidiram então reviver Sati, e ela nasceu como Parvati (a filha das montanhas).

Enquanto isso, Shiva tinha renunciado ao mundo e ido para o monte Kailasha, onde iniciou uma dura penitência. Quando Parvati chegou àquele local, Shiva estava tão envolvido em sua meditação que não notou sua presença. Ela fez todo o possível para seduzir Shiva, mas sua meditação era poderosa. Finalmente, Parvati pediu ajuda a Madan/Kama (o deus do amor). Kama disse-lhe para dançar diante de Shiva. Quando ela dançou, Madan lançou em Shiva uma flecha envolta em flores, e sua penitência foi rompida. Quando ele abriu os olhos, a primeira visão que teve foi de Parvati dançando à sua frente. Shiva apaixonou-se por ela e tornou-se um marido amoroso. Parvati tornou-se sua *shakti* (força criativa).

Shiva uma vez concedeu uma dádiva peculiar a um demônio chamado Bhasmasura, que desejou o poder de transformar em cinzas qualquer pessoa sobre cuja cabeça ele colocasse sua mão. Assim que seu desejo foi concedido, ele ameaçou o próprio Shiva, que o segurou pelos tornozelos e foi salvo por Vishnu sob a forma de Mohini, a feiticeira. Induzido por Mohini para se unir a ela em sua dança, o demônio logo se matou ao colocar sua mão sobre a própria cabeça. Shiva e Mohini combinaram suas energias e produziram Hari-Hara *putra* (filho de Vishnu-Shiva), posteriormente identificado com Sasta ou Aiyappa, uma deidade tribal celibatária em Kerala. Ele vive por Mohiniattam, a contraparte feminina da forma de dança clássica de Kerala, Kathakali.

Shiva é o criador da dança das primeiras 16 sílabas rítmicas jamais pronunciadas, das quais nasceu a língua sânscrita. Sua dança de raiva é chamada Raudra Tandava, e sua dança de alegria, Ananda Tandava. Todos os deuses e sábios estavam presentes quando ele dançou pela primeira vez a Nadanta Tandava, de movimentos caracteristicamente vigorosos, e eles imploraram para que Shiva dançasse novamente. Ele prometeu dançar nos corações de seus devotos e em uma gruta sagrada em Tamil Nadu, onde foi construído o grande templo de Chidambaram, o único na Índia dedicado a Shiva como

Nataraja, o Senhor da dança. Acredita-se que no 13º dia de cada quinzena lunar brilhante, após as 18h, tem início uma hora sagrada chamada Pradosha. Adorar a Shiva nesse momento é como adorar a todos os poderes do universo, pois é quando se acredita que todos os deuses estão reunidos em Kailasha para se embeber no êxtase da dança de Nataraja.

Shiva é o Senhor da misericórdia e da compaixão. Protege os seus devotos de forças do mal como luxúria, cobiça e raiva, e atende os desejos, concede a graça e desperta a sabedoria em seus devotos.



Dwadasa Jyotirlingam

O santuário Dwadasa Jyotirlingam, ou os 12 santuários que cultuam Shiva sob a forma de Jyotirlingam, têm sido reverenciados desde épocas imemoriais no sistema indiano de crenças. Entre eles, o que se encontra mais ao sul está localizado em Rameswaram, enquanto o mais ao norte está situado nas alturas nevadas do Himalaia, em Kedarnath. Esses templos estão intimamente ligados às lendas dos Puranas e são ricos em história e tradição.

Somnath é o principal entre os 12 santuários de Shiva, venerado em toda a Índia. Está localizado em Prabhas Patan em Saurashtra, no Gujarat.

Mallikarjuna é cultuado em Sree Sailam, próximo a Kurnool, um antigo templo, exemplo de riqueza de arquitetura e de esculturas. Adi Sankaracharya compôs ali seu Sivanandalahiri.

O santuário de *Mahakaleshwar Jyotirlingam* está na antiga e histórica cidade de Ujjain ou Avanti, em Madhya Pradesh.

O santuário de *Omkareshwar Jyotirlingam* fica em uma ilha no curso do rio Narmada em Madhya Pradesh, que abriga também o templo de Amareshwar.

Kedarnath, o mais setentrional dos Jyotirlingams, abrigado na neve do Himalaia, em Uttaranchal, é um antigo santuário, acessível somente a pé, seis meses por ano.

Bhimashankar está associado à lenda em que Shiva destrói o demônio Tripurasura. O santuário está localizado nas montanhas Sahyadri de Maharashtra e pode ser alcançado a partir de Pune.

O santuário de *Vishwanath Jyotirlingam* é o centro de peregrinação mais cultuado na Índia, meta de milhares de pessoas que visitam a antiga cidade de Varanasi, em Uttar Pradesh.

O santuário de *Tryambakeshwar Jyotirlingam* está intimamente ligado à origem do rio Godavari, próximo a Nashik, em Maharashtra.

O santuário de *Vaidyanath* está localizado em Deogarh. A antiga cidade de peregrinação de Deogarh encontra-se na área de Santal Parganas, do Bihar.

Nageshwar, próximo a Dwarka no Gujarat, é um dos santuários mais populares de Shiva.

Rameswara ou *Ramalingeswara* é o santuário Jyotirlingam mais meridional da Índia. Esse vasto templo fica na ilha de Rameswaram, no sul do Tamil Nadu.

O santuário de *Grishneshwar Jyotirlingam* está localizado nas proximidades da cidade turística de Ellora, em Maharashtra, e tem várias cavernas cortadas na rocha, que datam do primeiro milênio da era cristã.



Hanuman

O DEUS-MACACO

Hanuman, também chamado Anjaneya ou Kesarinandan, é o filho de Anjana Devi e Kesari. Anjana fora anteriormente uma virgem celeste nascida como uma mulher-macaco por causa de uma maldição. Quando o rei de Ayodhya, Dasharatha, realizou um *yajna* pedindo um filho, lhe foi concedido uma tigela de *payasam* ou *kheer* (componente divino do fogo). Suas esposas partilharam a *prasada* (alimento consagrado), e assim nasceram Rama, Lakshmana, Bharata e Shatrughana. Uma parte desse *payasam* foi levada pelo senhor dos ventos, Vayu Deva, e caiu nas mãos de Anjana Devi, e ela deu à luz Hanuman. Por isso, Hanuman é também conhecido como Maruti, Pavanputra ou filho de Vayu.

Ele cresceu forte e travesso. Podia se deslocar com a rapidez do vento. Uma vez se enganou, pensando que o sol brilhante fosse uma fruta, e voou até o céu para apanhá-lo. O Senhor Indra ficou zangado e atingiu Anjaneya com um raio. Vayu Deva ficou aborrecido com o fato de seu filho ter sido atingido e parou de soprar. O mundo inteiro sofreu com a ausência dos ventos. Todos os deuses ofereceram vários privilégios a Anjaneya, deixando-o

mais poderoso e invencível do que antes, o que fez com que Vayu Deva ficasse feliz e retomasse seu trabalho. Anjaneya uma vez causou problemas aos rishis, sem perceber a extensão de suas brincadeiras. Os rishis, zangados, amaldiçoaram-no, determinando que ele não conseguiria compreender ou reconhecer seus poderes a menos que alguém o lembrasse deles. Isto acalmou Hanuman, que começou a aprender com os rishis. Então, o poderoso deus-macaco viajou com Surya na sua velocidade e aprendeu todas as escrituras.

Ele desempenhou um papel importante no Ramayana, o grande épico de Valmiki. Quando Rama foi banido do seu reino de Ayodhya por sua madrastra, Kaileyi, ele foi para a floresta com a esposa Sita e o irmão Lakshmana. Sugreeva e seu exército, com Hanuman como comandante-chefe, estavam escondidos do irmão de Sugreeva, Vaali. Rama ajudou Sugreeva a derrotar o irmão e a reconquistar seu reino. Em gratidão, Sugreeva dispôs seu exército de macacos a serviço de Rama. Sita foi raptada pelo rei-demônio Ravana e aprisionada em Lanka, seu reino em uma ilha na extremidade sul da Índia. Brandindo sua clava, Hanuman deu um único salto sobre o golfo que separava os dois países e localizou Sita. Os demônios de Lanka tentaram capturar Hanuman e colocaram fogo em sua cauda, esperando assustá-lo. Porém, Hanuman virou a cauda sobre a cidade e colocou fogo em Lanka. Quando Lakshmana foi ferido, Hanuman voou até o Himalaia para trazer a erva medicinal Sanjeevani. Não sabendo identificá-la, ele pegou a montanha inteira e levou-a até Lakshmana. Quando o vitorioso Rama retornou a Ayodhya e foi coroado como rei, Hanuman continuou a servi-lo.

Após sua coroação, depois da vitória na batalha contra Ravana, Rama distribuiu presentes para todos aqueles que o auxiliaram. Voltando-se para Hanuman, Rama disse: "Não existe nada que eu possa lhe dar que pague o serviço que você me prestou. Tudo que posso fazer é dar a mim mesmo." Ao ouvir essas palavras, Hanuman postou-se ao lado de Rama com humildade, as mãos juntas e a cabeça ligeiramente inclinada, na postura de um

servo. Até hoje, esse quadro de Hanuman, como um humilde devoto do Senhor, é o mais popular entre os admiradores e adoradores do deus-macaco.

Ele foi representado também em outro épico, o Mahabharata. Ficou ao lado dos Pandavas na batalha de Kurukshetra. Estabilizou e protegeu a carruagem de Arjuna, estando presente na bandeira que voava sobre a carruagem. Recebeu então a honra de testemunhar o Gita-upadesh em primeira mão.

Em templos, ele é reverenciado como Bhakta Hanuman e Veera Hanuman. Existem também templos separados para Hanuman. Como Bhakta Hanuman, ele é visto com as mãos unidas em oração. Como Veera Hanuman, aparece segurando a clava em uma das mãos e a Sanjeevani *parvat* na outra. A adoração a Hanuman simboliza, portanto, a adoração ao Senhor Supremo para adquirir conhecimento, força física e mental, honestidade, sinceridade, generosidade, humildade, lealdade e devoção profunda ao Senhor.

Hanuman representa o corpo mental em um ser humano. A mente é instável (como um macaco) e pula de um ponto a outro, buscando coisas, ligando-se a inúmeras atividades que perturbam a paz do lugar. A mente, como Hanuman, pode também viajar para onde desejar: pode voar pelo ar, atravessar os continentes e os mundos em um instante e atingir qualquer objeto que desejar. Ela pode também expandir-se ou contrair-se à vontade (assim como Hanuman). Enquanto permanece sob o controle das paixões animais e das atividades dos sentidos, fica instável e travessa, causando muita inquietação no mundo do indivíduo. Mas quando se entrega ao ser interior (Senhor Rama) e torna-se devotada a ele, completa e incondicionalmente, adquire poderes milagrosos e realiza feitos extraordinários. Ao matar todos os maus pensamentos com sua determinação, ela estabelece também uma base firme para que o reino de Deus (Ramarajya) seja estabelecido no corpo. Hanuman é, por isso, simbolicamente, o princípio da mente sempre absorvida na contemplação de Deus e totalmente entregue a Ele.

Como Bajarangbali, ele é forte tanto em devoção quanto fisicamente. É um oceano de virtudes e amigo dos que têm um coração puro. Admira as qualidades ascéticas no homem, porque somente aqueles que são desapegados e mentalmente livres dos luxos da vida e dos desejos dos seus corpos podem verdadeiramente se concentrar no Divino e atingi-Lo.

Hanuman é visto como o super-homem, o corpo do conhecimento (*gyana guna sagara*) no homem, o homem imortal (*chiranjeevi*) e também como o homem animal (*va-nara*). É o exemplo perfeito da devoção verdadeira e da entrega completa. Simboliza também a história do homem animal em nós que, por meio do caminho da devoção e do serviço a Deus, pode purificar a si mesmo e atingir a imortalidade.



A Índia possui inúmeros templos dedicados a Anjaneya (Hanuman)

1. Templo Sri Veera Anjaneya de Mylapore, Chennai, Tamil Nadu
2. Templo Sri Veera Mangala Anjaneya, Nallatore, Tamil Nadu
3. Templo Sri Yoga Anjaneya, Solingar, Tamil Nadu
4. Mandir Sri Pracheen Hanuman de Nova Déli
5. Templo Sri Digambara de Hanuman em Sidhabari, Himachal Pradesh
6. Sri Viswaroopa Anjaneya Swam em Nerul, Navi Mumbai, Maharashtra
7. Sri Jaya Veera Anjaneya Swami em Tanjavur, Tamil Nadu
8. Mandir Sri Jakhoo Hanuman, Simla, Himachal Pradesh

9. Templo Sri Mukhya Praana (Anjaneya) de Triplicane, Chennai, Tamil Nadu
10. Templo Sri Sitarama Dasa Anjaneya de Dharmapuri, Tamil Nadu
11. Templo Sri Karanji Anjaneya de Basavangudi, Bangalore, Karnataka
12. Templo Sri Veera Anjaneya de Chengalput, Tamil Nadu
13. Templo Sri Sanjeevirayan de Iyengkulam, Kanchipuram, Tamil Nadu
14. Templo Sri Veera Anjaneya de Ananthamangalam, Tamil Nadu
15. Sri Hanuman Ambalam de Alathoor, Malappuram, Kerala
16. Templo Sri Anjaneya de Namakkal Digambara, Tamil Nadu
17. Sri Dasanjaneya de Machavaram, Vijayawada, Andhra Pradesh
18. Sri Anjaneya de Haumarambalam, Payyanur, Kerala
19. Sri Jaya Anjaneya de Lalapet, Karur, Tamil Nadu
20. Templo Sri Mahavir, Sirulee, Puri, Orissa
21. Templo Sri Kallukuzi Anjaneya de Trichy, Tamil Nadu
22. Templo Sri Panki Hanuman de Panki, Kanpur, Uttar Pradesh
23. Templo Sri Veera Anjaneya de Cuddalore, Tamil Nadu
24. Templo Sri Hanumam Badi (Velho) de Aliganj, Lucknow, Uttar Pradesh
25. Templo Sri Hanuman Badi (Novo) de Aliganj, Lucknow, Uttar Pradesh
26. Sri Hanuman Garhi, Nainital, Uttaranchal
27. Templo Sri Anuvavi Anjaneya, Coimbatore, Tamil Nadu
28. Templo Sri Kote Anjaneya, Palaghat, Kerala
29. Templo Sri Nettikanti Anjaneya, Kasapuram, Andhra Pradesh
30. Templo Sri Anjaneya Swami próximo a Nalu Kal Mandap em Tanjavur, Tamil Nadu



Ganesha

O SENHOR QUE REMOVE OS OBSTÁCULOS

Ganesha é o deus hindu mais amplamente reverenciado, uma deidade sob a forma humana, mas com a cabeça de um elefante, representando o poder do Ser Supremo que remove os obstáculos (*vighnam*) assegura o sucesso nos empreendimentos humanos. Por essa razão, os hindus reverenciam Ganesha antes de dar início a qualquer atividade religiosa, espiritual ou mundana. É também chamado de Vighneshwara.

Na mitologia hindu, o Senhor Ganesha é filho do Senhor Shiva e da Mãe Divina Parvati. A representação de Ganesha como uma mistura de partes humana e animal simboliza os ideais da perfeição como concebida pelos sábios hindus e ilustra alguns conceitos filosóficos de profundo significado espiritual.

A grande cabeça de elefante simboliza sabedoria, compreensão e um intelecto discriminador que é preciso possuir para atingir a perfeição nesta vida. A grande boca representa o desejo humano natural de aproveitar a existência no mundo. As largas orelhas significam que uma pessoa perfeita é aquela que possui grande capacidade de ouvir os outros e de assimilar

idéias. Não existe nenhum instrumento humano que tenha tantas possibilidades de ação como um corpo de um elefante. Ele pode arrancar uma árvore pela raiz e também levantar uma agulha do chão. Da mesma forma, a mente humana deve ser forte o suficiente para encarar os altos e baixos do mundo exterior, e também ser bastante delicada para explorar os reinos sutis do mundo interior. As duas presas denotam os dois aspectos da personalidade humana: sabedoria e emoção. A presa direita representa a sabedoria, e a esquerda, a emoção, enquanto a esquerda está quebrada, mostrando que é preciso dominar as emoções com sabedoria para atingir a perfeição.

Dizem que os olhos do elefante possuem uma qualidade ilusória que faz com que eles percebam os objetos maiores do que realmente são. Por isso, em Ganesha, simbolizam a idéia de que mesmo que um indivíduo cresça em riqueza e sabedoria, ele deve perceber os outros como ainda maiores do que ele próprio; isto é, abdicar do orgulho e atingir a humildade. Os quatro braços indicam que o Senhor é onipresente e onipotente. O lado esquerdo do corpo simboliza a emoção, e o direito, a razão. Um machado na mão esquerda superior e um lótus na direita superior significam que, para atingir a perfeição espiritual, é preciso eliminar os apegos mundanos e dominar as emoções. Isso capacita a pessoa a viver no mundo sem ser afetada por tentações terrenas, assim como o lótus permanece na água sem se molhar. Uma bandeja de *laddus* (doces) próximo ao Senhor denota que ele confere riqueza e prosperidade aos seus seguidores. A mão direita inferior é mostrada em pose de bênção, o que significa que Ganesha sempre abençoa seus devotos. O pé direito pendendo sobre o esquerdo ilustra que, para viver uma vida de sucesso, é preciso utilizar o conhecimento e a razão para superar as emoções.

O corpo de Ganesha é geralmente representado com roupas amarelas e vermelhas, que simbolizam, respectivamente, a pureza, a paz e a honestidade, e a atividade no mundo. Estas são as qualidades de uma pessoa perfeita. O grande ventre significa que um indivíduo perfeito deve ter grande

capacidade de enfrentar todas as experiências agradáveis e desagradáveis do mundo.

Um rato simboliza o ego, que pode corroer tudo que é bom e nobre em uma pessoa. Um rato sentado próximo ao pé de Ganesha indica que uma pessoa perfeita é aquela que dominou seu ego. Um rato olhando para o *laddus*, porém sem consumi-lo, denota que um ego purificado ou controlado pode viver sem ser afetado pelas tentações mundanas. O rato é também o veículo de Ganesha, o que significa que é preciso controlar o ego para que a sabedoria brilhe.

Seu tronco é enroscado em uma personificação do “Om”, a sílaba que criou o mundo. Para combater o mal, ele porta armas: um disco, um tridente, uma espada e um machado. Uma presa quebrada é um lembrete de sua batalha contra um demônio, e a luta contra as forças do mal. Porém, a mesma presa é utilizada por ele ao escrever o épico Mahabharata. Quando Vyasa desejou compor o Mahabharata, Brahma sugeriu Ganesha como escriba. Vyasa concordou, e Ganesha utilizou sua presa quebrada como uma pena. Vyasa ditou o épico inteiro em verso, e Ganesha registrou cada palavra.

Ele é considerado um celibatário, mas, segundo uma outra escola de pensamento, tem duas Shaktis: Siddhi – representando o sucesso e a prosperidade – e Riddhi – representando a sabedoria.

Nos mitos, o nascimento de Ganesha é celebrado como uma virada divina do destino. Um mito popular dá vida à história sobre a cabeça de elefante. Tudo começou quando Parvati desejou se banhar. Ela precisava de privacidade e, como não havia nenhuma, criou um menino a partir de *ubtan* (pasta de ervas) e óleos do seu próprio corpo. Deu vida à figura e disse-lhe que vigiasse enquanto ela tomava banho.

Quando Shiva, seu marido, voltou para casa, encontrou o caminho bloqueado por uma pessoa desconhecida. O guardião impediu a entrada de Shiva, deixando-o furioso, e teve início um duelo. O menino lutou bem, mas

não se igualava à potência de Shiva, que o matou. Parvati chegou, viu o menino morto e exigiu que seu esposo o trouxesse de volta à vida. Shiva enviou seus *ganas* para trazer a cabeça do primeiro ser vivo que encontrassem dormindo com a face voltada para o norte, direção associada à sabedoria. Airavat, o elefante branco de Indra, pagou o preço pelo grande erro de Shiva, ao ser decapitado durante o sono. Quando sua cabeça foi levada para o menino morto, Parvati, irada, exigiu que seu filho fosse promovido ao posto de deus primário. Shiva e todos os outros deuses sabiam que esta era a única maneira de aplacá-la, e Ganesha assumiu seu lugar diante de todos os deuses.

Outra lenda explica o papel de Ganesha na mudança da astronomia. No mês de Shravan/Bhadrapad, após um banquete de *laddus*, Ganesha voltava para casa, montado em seu rato. Uma cobra atravessou o caminho deles, fazendo com que o rato tropeçasse e Ganesha levasse um tombo. Seu estômago partiu, e dele o *laddus* caiu. Chandra (a lua) viu tudo e começou a rir. Ganesha pegou a cobra e usou-a como uma correia para segurar seu estômago. Olhou para cima, amaldiçoou Chandra e o baniu dos céus noturnos.

Logo os deuses e a humanidade ficaram ofuscados pelo esplendor do sol inclemente. Não havia nenhum momento de escuridão após a lua ser banida do céu. Os deuses formaram uma comissão para ir até Ganesha e pedir clemência. Ele aquiesceu, mas impôs uma condição astronômica: a lua nunca mais brilharia como antes, e somente ficaria cheia uma vez por mês (antes a lua era sempre cheia). Nos demais dias, Chandra, como lembrança da sua má conduta, crescería ou minguaria.

Os templos de Ganesha encontram-se em quase todas as aldeias na Índia. O roliço e alegre Ganesha, com cabeça de elefante, acha com facilidade seu lugar nos corações de deuses e pessoas.



Formas de Ganesha

Baala Ganapati: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços.

Dharuna Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de oito braços.

Bhakti Vinayaka: Imagem de cor cinza de um Ganesha de quatro braços.

Veera Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de 16 braços.

Shakti Ganapati: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços, sentado com sua esposa à sua esquerda.

Dwija Vinayaka: Imagem de cor branca de um Ganesha de quatro faces e quatro braços.

Siddhi Vinayaka: Imagem de cor dourada de um Ganesha de quatro braços.

Ucchishta Ganapati: Imagem de cor azul de um Ganesha de seis braços com sua esposa.

Vighna Vinayaka: Imagem de cor dourada de um Ganesha de oito braços.

Kshipra Ganapati: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços, portando um *ratna kumbham*.

Heramba Vinayaka: Imagem negra de um Ganesha com dez braços e cinco faces, sentado sobre um leão.

Lakshmi Vinayaka: Imagem de cor branca de um Ganesha de oito braços, com duas esposas.

Makara Vinayaka: Imagem de cor vermelha de Ganesha com um terceiro olho, dez braços, portando um *ratna kumbham* e com sua esposa.

Vijaya Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços no monte *mooshaka*.

Nritta Vinayaka: Imagem de cor dourada de Ganesha em postura de dança.

Urdhva Vinayaka: Imagem de cor dourada de um Ganesha de seis braços, com sua esposa.

Ekakshara Vinayaka: Imagem de cor vermelha de Ganesha com um terceiro olho, sentado em um lótus.

Vara Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços e com um terceiro olho.

Dhryakshara Vinayaka: Imagem dourada de um Ganesha de quatro braços ornado com brincos.

Kshipraprasaada Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de seis braços.

Haridra Vinayaka: Imagem de cor amarela de um Ganesha de quatro braços.

Ekadanta Vinayaka: Imagem de cor azul de um Ganesha de quatro braços.

Srishti Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços sentado em seu monte *mooshaka*.

Utthanda Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de dez braços, com sua esposa à sua esquerda.

Ranamochana Vinayaka: Imagem de cristal de um Ganesha de quatro braços.

Dundi Vinayaka: Ganesha de quatro braços com presa, guirlanda, machado e *ratna kumbham*.

Dwimukha Vinayaka: Imagem de cor vermelha de Ganesha com duas faces e quatro braços.

Trimukha Vinayaka: Ganesha vermelho com três faces e seis braços, sentado sobre um lótus dourado.

Simha Vinayaka: Imagem de cor branca de Ganesha com oito braços (um deles portando a cara de um leão).

Yoga Vinayaka. Imagem de cor vermelha de Ganesha em postura de um iogue.

Durga Vinayaka: Imagem de cor vermelha de Ganesha com oito braços.

Sankatahara Vinayaka: Imagem de cor vermelha de um Ganesha de quatro braços vestido de azul, sentado sobre um lótus *peetham*, com sua esposa à sua esquerda.



Devi

O Rig Veda contemplava o universo como o resultado de uma interação entre o adormecido princípio masculino (*purusha*), fonte primordial do poder gerador, e o *prakriti*, princípio feminino ativo, que manifesta poder (*shakti*) em ação no mundo.

Parvati, em uma multiplicidade de formas, é o foco mais comum de devoção na Índia. Ela apresenta as duas facetas principais para os seus seguidores: uma personalidade benigna e receptiva, que provê assistência, e uma poderosa e perigosa, que deve ser aplacada.

A deusa Durga é uma grande guerreira que carrega espada e escudo, monta um tigre e destrói os demônios que os deuses não conseguem derrotar. Nessa encarnação, ela nunca se submete, mas permanece capaz de atos terríveis de guerra. A deusa Kali, com frequência, aparece em uma visão ainda mais horrível do divino, com guirlandas de crânios humanos em torno do pescoço e uma cabeça decepada na mão; sua língua sanguinolenta está estendida para fora da boca, e sangue goteja de suas armas. Essa imagem é

uma tentativa de captar a capacidade destruidora do Divino, o sofrimento no mundo e o retorno final de tudo ao Divino.

Em muitos santuários pequenos por toda a Índia, a divindade feminina recebe oferendas regulares de sacrifícios de sangue, em geral de galinhas e cabras. Muitas outras deusas, conhecidas por nomes diferentes em diversas regiões, são focos de orações e promessas, levando os seguidores a assumir atos de austeridade e peregrinação em troca de favores. Além disso, a deidade pode se manifestar como veículo para inúmeras doenças. A deusa da varíola, conhecida como Shitala no norte da Índia e Mariamman no sul, permanece como uma figura temida e reverenciada mesmo após a erradicação da doença, pois ainda é capaz de afligir as pessoas com várias febres e pústulas.

Uma

O Kurma Purana revela um registro da criação de Uma, que nos leva a um estágio anterior ao seu nascimento como filha de Daksha. Brahma zangou-se com o fato de seus filhos adotarem uma vida ascética, recusando-se a perpetuar a raça humana. Sua ira produziu uma forma metade masculina e metade feminina, a quem Brahma disse "Divide-te", e depois desapareceu. A metade masculina tornou-se Rudra ou Shiva, e a feminina, Shakti ou Devi.

Uma é o nome pelo qual a esposa de Shiva foi conhecida inicialmente. Quando Devi (a deusa) aparece como Uma, diz-se que é a filha de Daksha, um filho de Brahma. Como Shiva é chamado de Mahadeva, Uma é chamada com frequência de Devi. Nesse período de sua existência, ela é também chamada de Sati, em alusão ao fato de que, quando seu pai desrespeitou seu marido não o convidando para um grande sacrifício, ela voluntariamente entrou no fogo sacrificial e foi queimada até a morte na presença de todos os deuses e brahmins. O nome Sati significa mulher verdadeira ou virtuosa. Diz-se que Ambika, outro nome de Uma, é a esposa de Rudra. Como acontece com Shiva,

Agni e Rudra são combinados, de modo que sua esposa é vista como um composto de várias formas divinas. Uma, Ambika, Parvati, Haimavati são nomes que pertencem à esposa de Rudra, e a esposa de Agni é chamada Kali.

Parvati

A deusa Parvati é a companheira constante de seu marido Shiva, e a mãe de Kartikeya e Ganesha, mas são poucas as ações independentes atribuídas a ela. Nos Puranas, Shiva e Parvati são geralmente representados unidos em um ato de amor ou sentados sobre o monte Kailasha discutindo sobre filosofia hindu. Entretanto, ocasionalmente surgem discussões entre eles, e em uma dessas ocasiões Shiva censurou-a pelo tom escuro da sua pele. Isso a magoou tanto que ela o deixou e entrou no fundo da floresta para realizar uma série pesada de austeridades até que Brahma lhe concedeu uma dádiva, fazendo sua pele ficar dourada, e por isso ela é conhecida como Gauri.

O Varaha Purana descreve sua origem. Uma vez Brahma, Vishnu e Shiva se encontraram no monte Kailasha para resolver o problema de um poderoso *asura* chamado Andhaka, que estava perturbando todos os deuses. Quando as três deidades cruzaram seus olhares, surgiu uma virgem de beleza celestial de três cores: branca, vermelha e preta. Brahma, então, louvando-a, disse:

“Tu serás chamada de deusa dos três tempos (passado, presente e futuro), a preservadora do universo, e sob vários títulos serás reverenciada, pois serás a causa da realização dos desejos dos teus devotos. Mas, ó deusa, divide-te em três formas, segundo tuas cores, pelas quais serás distinguida.” Ela, então, dividiu-se em uma parte branca, uma vermelha e uma preta. A primeira foi Saraswati, de uma aparência agradavelmente feliz, e esposa de Brahma na criação; a segunda foi Lakshmi, a bem-amada de Vishnu; e a terceira foi Parvati, dotada de várias qualidades e da energia de Shiva.

O Vaivarta Purana relata a circunstância que levou Uma, que se sacrificara e se tornara Sati, a reaparecer na Terra sob a forma de Parvati.

Shiva, ao ouvir sobre a morte de sua esposa, desmaiou de tristeza, o que transtornou Brahma e Vishnu. Vishnu prometeu a Shiva que a traria de volta, sob outra forma, desde que o casal fosse inseparável, assim como a frialdade da água, o calor do fogo, o odor da terra ou o brilho do sol.

Logo depois, Sati nasceu como Parvati, a filha de Mena, esposa de Himavat. Ainda criança, ela ouviu uma voz no céu dizendo: “Pratique austeridade pesada para ganhar Shiva como esposo, pois não existe outra forma de obtê-lo.” Ela teve de realizar um sacrifício muito grande antes de se unir ao marido; e foi Kamadeva, o deus do amor, que, pela instigação dos deuses, atingiu Shiva com sua flecha do amor enquanto este estava absorto em meditação, e Parvati permanecia diante dele orando para que seu pedido fosse atendido. Shiva abriu os olhos e apaixonou-se por Parvati.

Segundo uma lenda, quando levantou o corpo morto de Sati em seus braços, Shiva começou a dançar de maneira frenética. A terra tremeu sob o peso dessa carga, e Vishnu, temendo que o universo fosse destruído se ele continuasse a dançar daquela maneira, fez voar seu *chakra* (disco) e cortou o corpo de Sati em 51 pedaços, que caíram em lugares diferentes do mundo. Todos os lugares da Terra em que uma dessas partes tocava tornavam-se sagrados como um *shakti-peetha*. Templos ou santuários foram erigidos

nesses pontos. Diz-se que no templo mais conhecido em Kali Ghat, próximo a Kolkata, por exemplo, está o dedão do seu pé esquerdo.

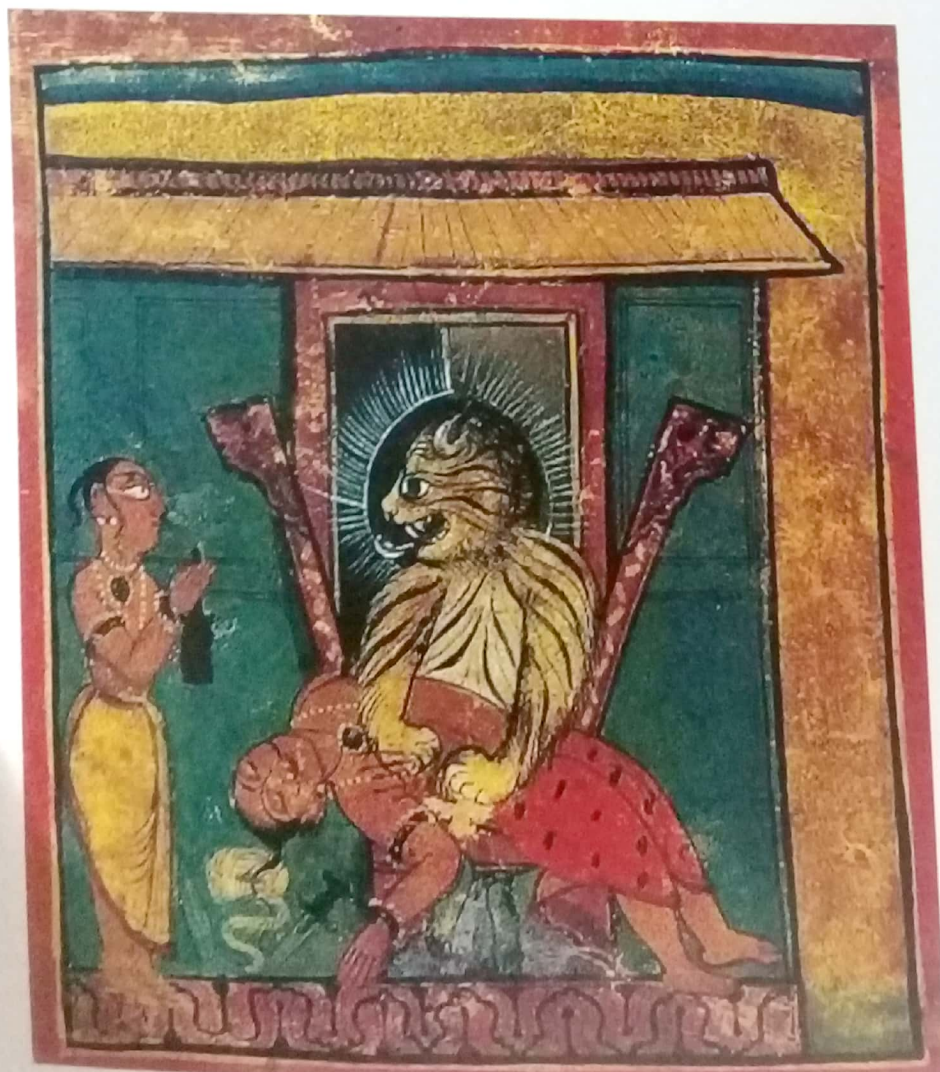
Parvati é representada em pinturas como uma mulher linda e agradável, sem excesso de membros. São poucos os atos milagrosos atribuídos a ela. É quando surge como Durga que ela manifesta poderes divinos e exibe um espírito bem diferente daquele que tem como Parvati.



Brahma, o criador do universo, é a divindade que introduz a alma no ciclo da vida.



Os hindus vêem Deus em todas as criaturas vivas, por isso existem tantas divindades animais que são usadas como montaria por vários deuses e deusas.



Vishnu como Narasimha (homem com cabeça de leão) matando o demônio tirânico Hiranyakashipu.



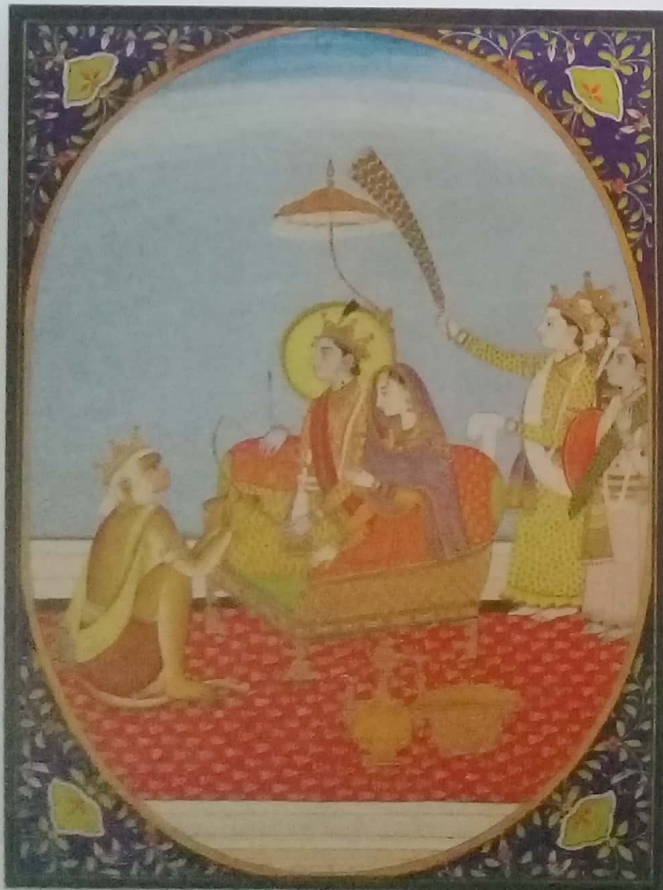
Vishnu, o senhor da preservação, reclinado sobre uma cobra de mil cabeças e em companhia da deusa Lakshmi, sua esposa, auxilia a alma a sobreviver no ciclo da vida.

Em sua encarnação como Vamana (anão), Vishnu tomou posse do céu e da terra do rei Bali, dando a ele um reino no outro mundo.

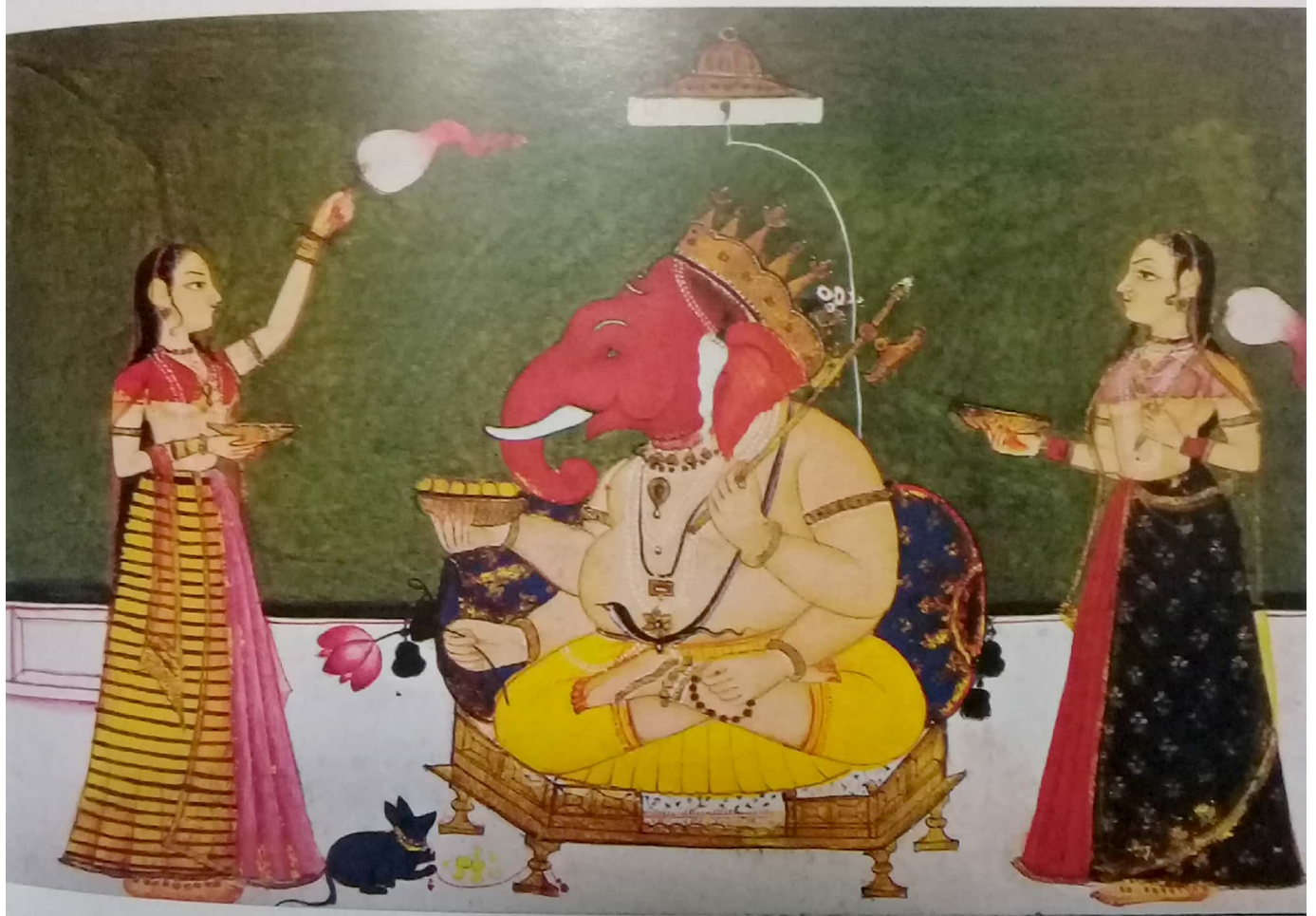




Vishnu apareceu como Kurma (tartaruga) para equilibrar o monte Mandara em suas costas com a ajuda da serpente Vasuki; os deuses puderam então revolver o oceano e recuperar os tesouros cósmicos.



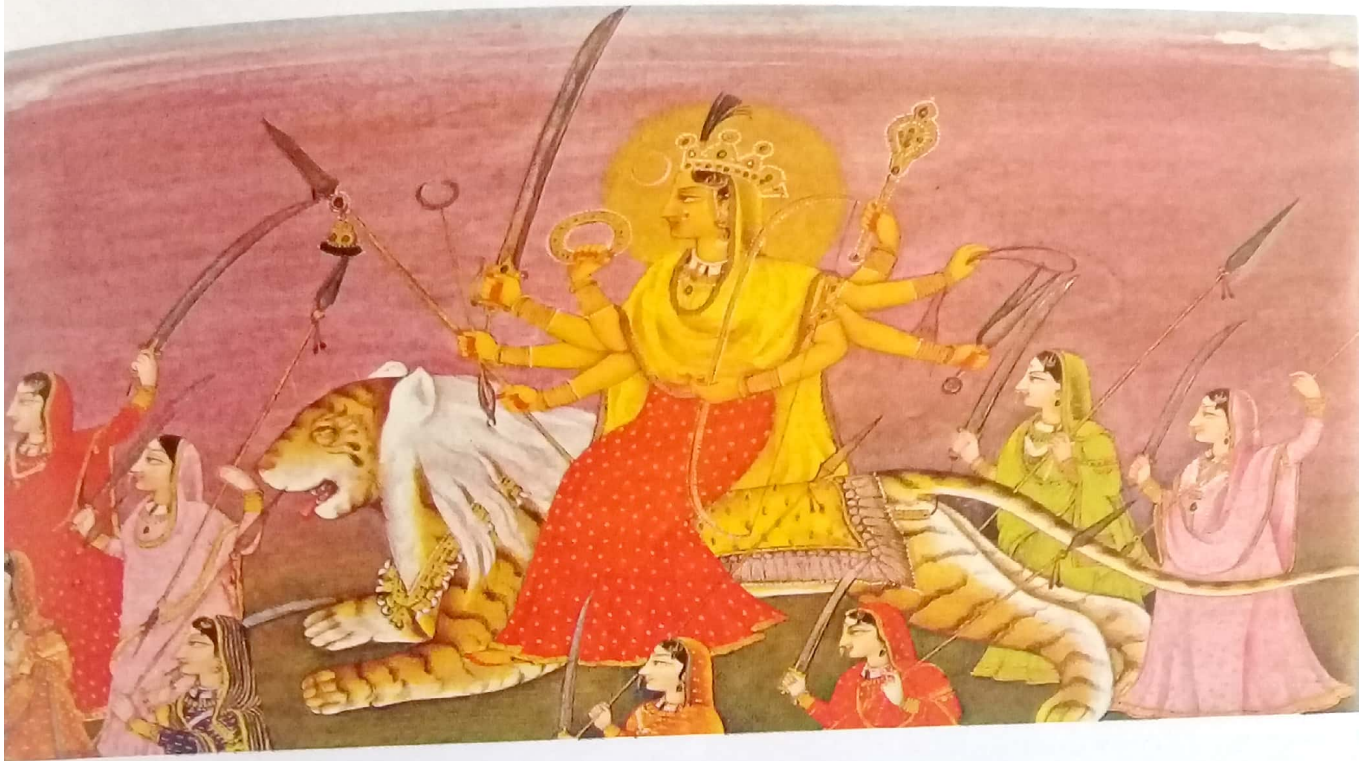
Acredita-se que a sétima encarnação de Vishnu, Rama, seja uma figura histórica cujas proezas formam o grande épico hindu Ramayana.



O deus com cabeça de elefante, Ganesha, a divindade hindu mais reverenciada, é considerado o removedor de todos os obstáculos. Possui duas esposas: Siddhi, representando o sucesso, e Riddhi, a sabedoria. A montaria de Ganesha é um rato, que simboliza o ego.

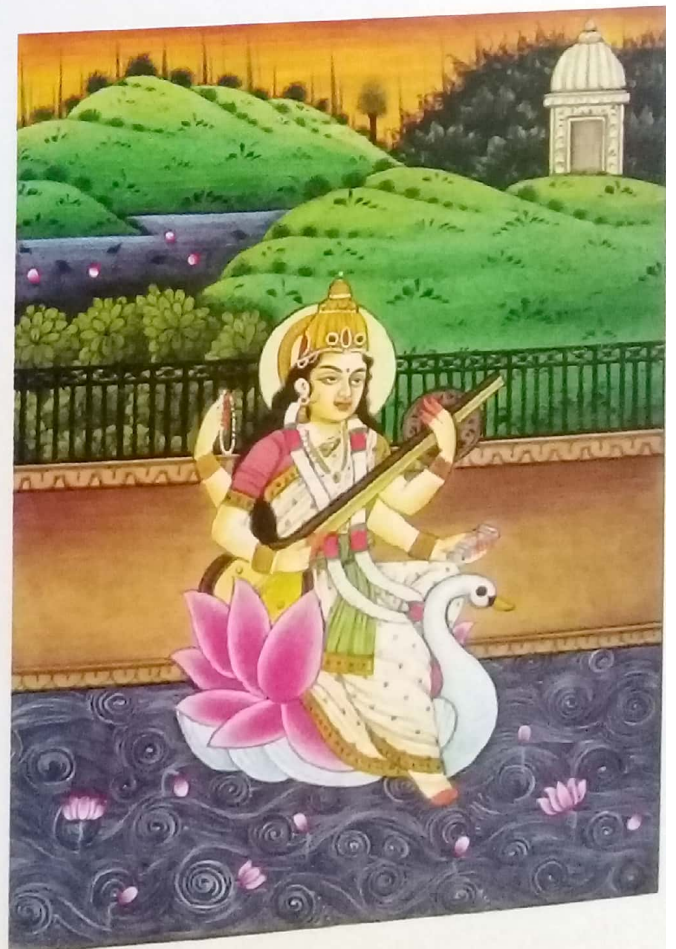


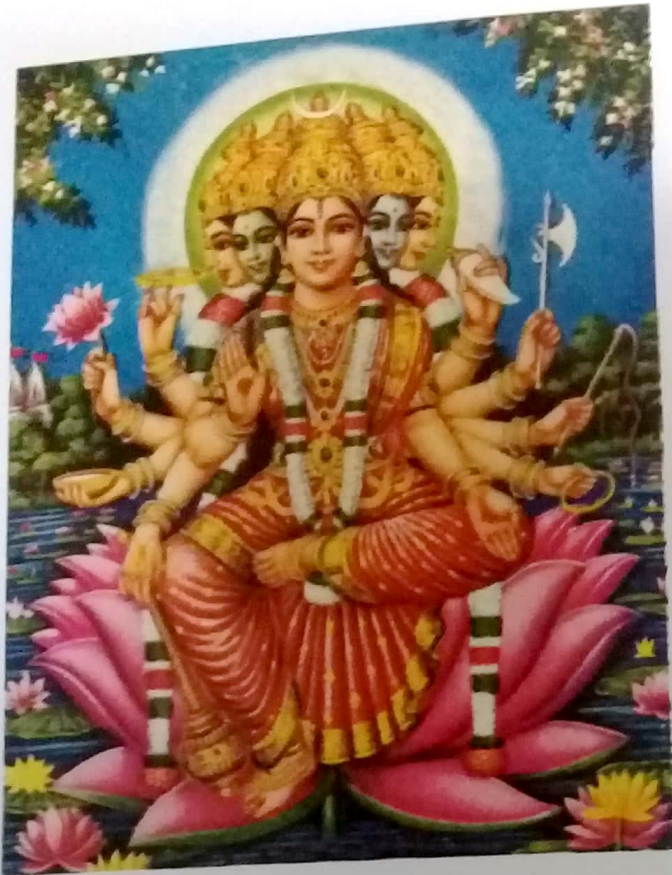
O princípio feminino Devi (prakriti) que manifesta o poder (shakti) é o foco de devoção mais comum na Índia. Devi é adorada sob várias formas, tanto benevolentes quanto malévolas.



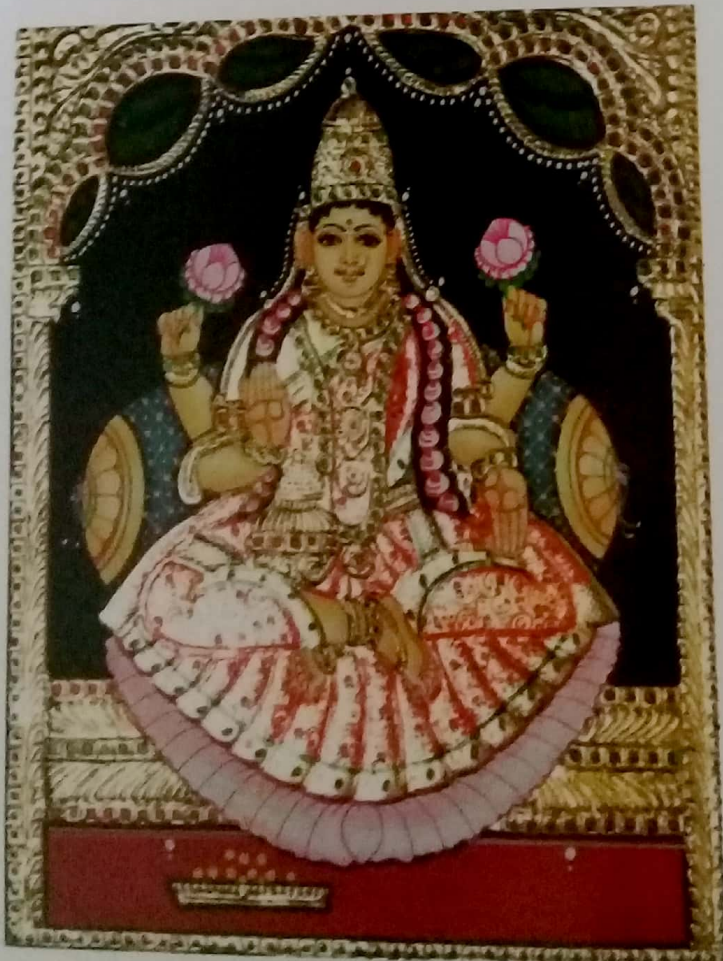
Durga apareceu na Terra sob vários nomes para destruir os demônios. O ritual de adoração desta deusa é o mais popular de todos os festivais hindus.

Saraswati, deusa da fala, personifica todas as artes, ciências e profissões. Ela é a esposa divina de Brahma e simboliza seu poder criativo.

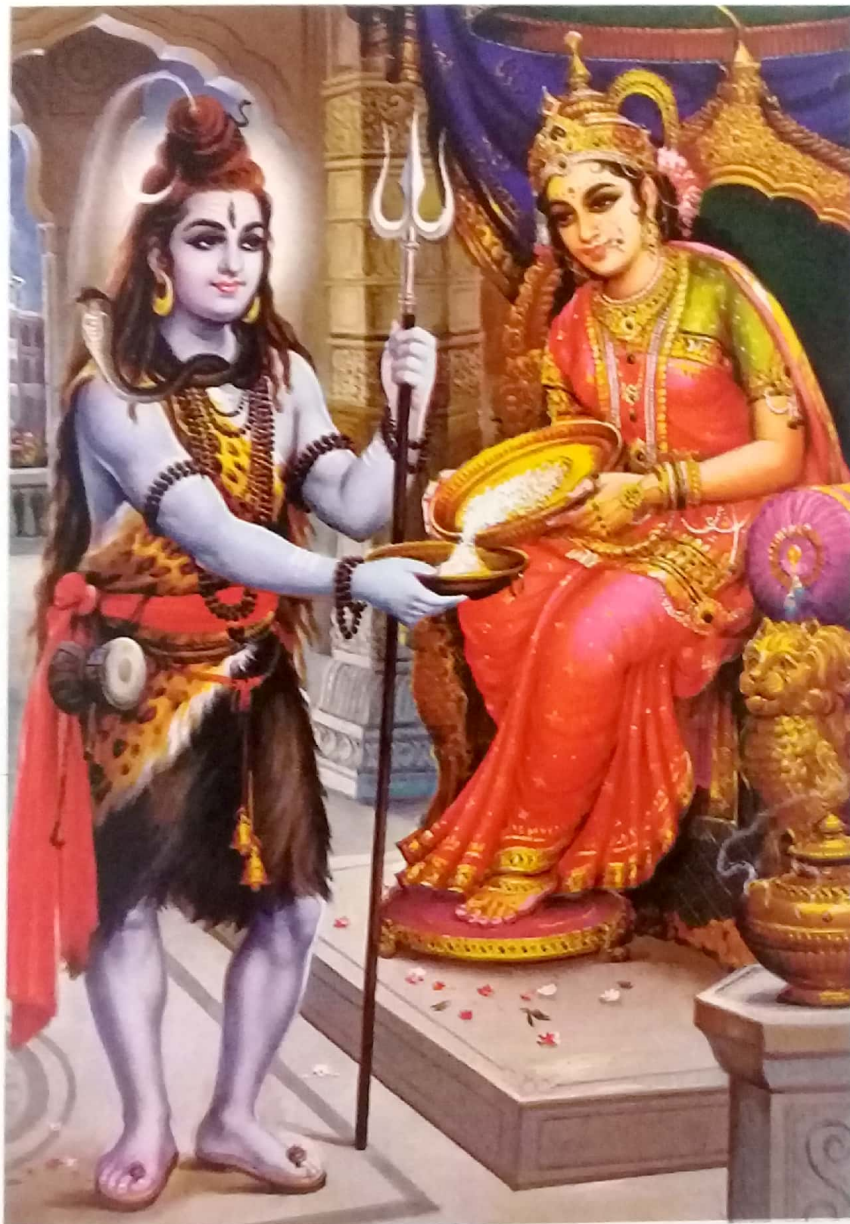




Gayatri é a emissão
luminosa do poder
infinito do Ser Original.
Como deusa da
aprendizagem,
acredita-se que ela
seja filha de Brahma.



Lakshmi é a
Esposa do
Senhor Vishnu
e está associada
a prosperidade,
bem-estar, poder
verdadeiro e
nobreza.



A deusa Parvati é a companheira constante de seu marido Shiva e mãe de Kartikeya e Ganesha.



Radha é representada como a subordinação voluntária ao seu amado Senhor Krishna. Esta é uma metáfora divina de uma devota fundindo-se com sua divindade.

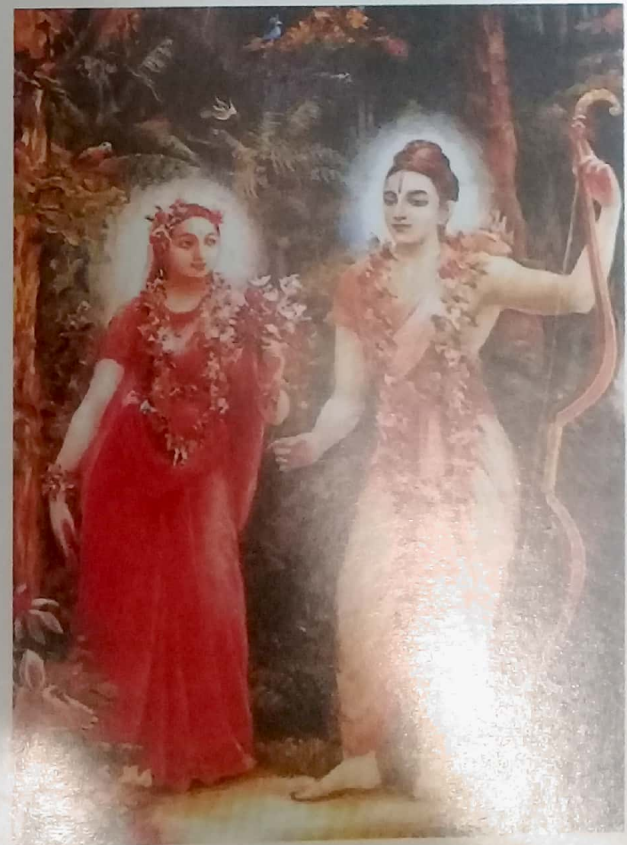


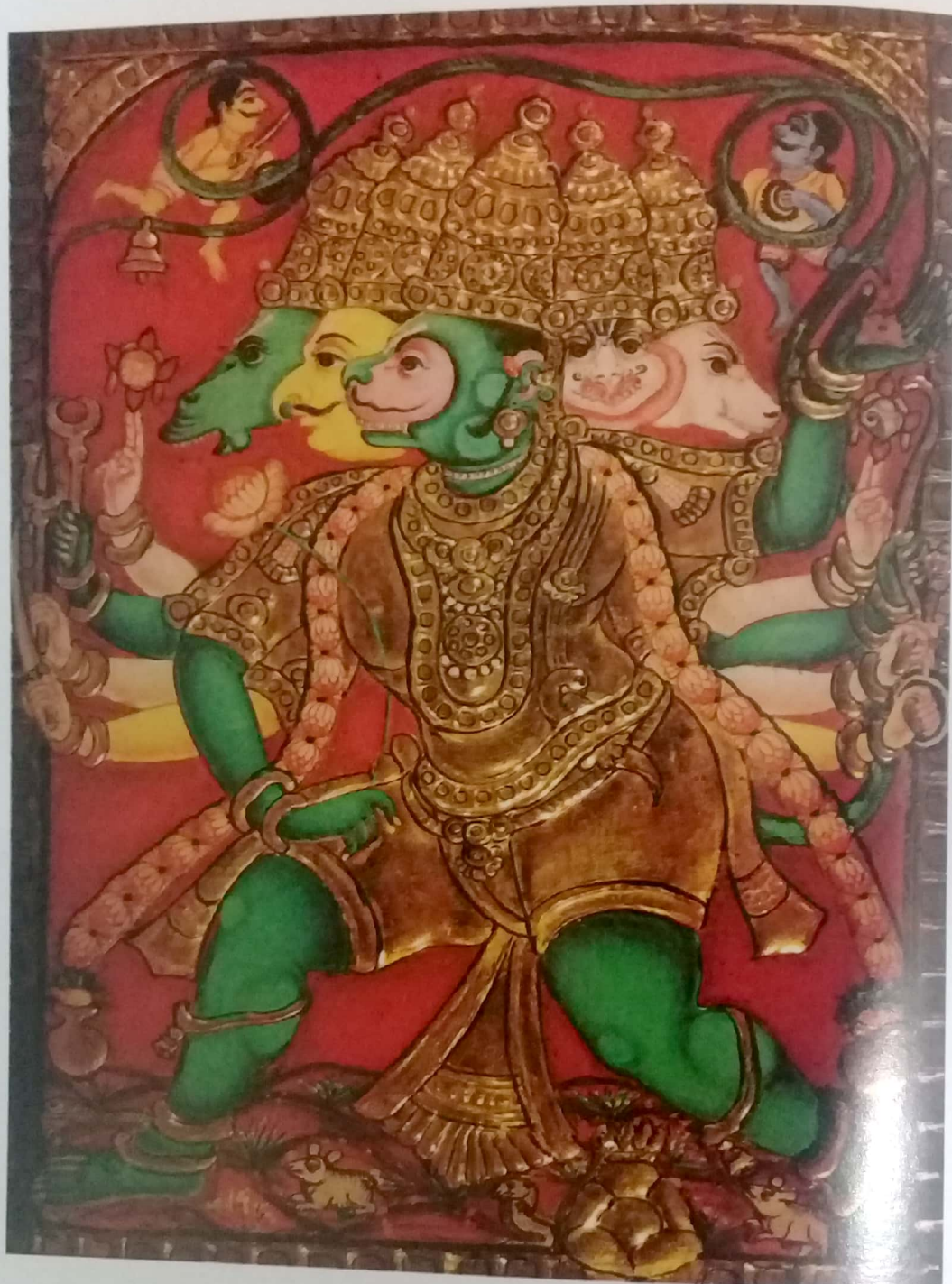
Ganga é a principal deusa-rio, dotada de qualidades fabulosas. Ganga é um dos quatro rios mais sagrados do mundo.

Uma é o nome pelo qual a esposa de Shiva foi conhecida inicialmente. Devi Uma é filha de Daksha, filho de Brahma.



Sita é a esposa do Senhor Rama no Ramayana. É o mais popular e amado paradigma de devoção conjugal, paciência e castidade.





Hanuman, o deus-macaco, personifica o corpo mental de um ser humano, sempre voando em todas as direções, mas, uma vez entregue ao ser interior, adquire poderes milagrosos para realizar proezas inacreditáveis.

Durga

A esposa de Shiva assume agora um papel bem diferente daquele que há muito tempo tem representado. Ao lado de seu marido, ela agira como uma mulher comum e manifestara virtudes femininas. Porém como Durga, ela foi uma guerreira muito poderosa e apareceu na Terra sob vários nomes para destruir os demônios que estavam irritando deuses e humanos.

Ganhou o nome de Durga porque matou um *asura* chamado Durg. Segundo o Skanda Purana, esse demônio era um gigante, filho de Ruru, que, tendo realizado um sacrifício em louvor a Brahma, ganhou suas bênçãos, e ficou tão poderoso que conquistou os três mundos e destronou Indra e os outros deuses. Os deuses, em sua aflição, apelaram para Shiva, que pediu a Parvati para agir e destruir o gigante. Ela, aceitando a tarefa de bom grado, acalmou os temores dos deuses e enviou Kalaratri (Noite Escura), uma fêmea cuja beleza enfeitiçava os habitantes dos três mundos, para ordenar ao demônio que restaurasse a ordem. Ele, contudo, cheio de fúria, enviou seus soldados para agarrar Kalaratri, que os reduziu a cinzas com um sopro. Durg, então,

enviou monstros gigantes, que cobriam a superfície da Terra. Quando os viu, Kalaratri voou até Parvati, levando-os até a deusa. Houve uma batalha feroz entre Durg e Parvati, na qual o *asura* usou várias armas, assumiu a forma de um elefante e depois de um búfalo, mas foi facilmente derrotado. Na sua forma verdadeira final, ele foi pego por Parvati e atirado no chão com muita força, seu peito fora perfurado por uma flecha, e sua boca vertia sangue. Os deuses ficaram felizes com resultado e logo reconquistaram seu antigo esplendor.

Outro relato sobre a origem de Durga é encontrado no Vamana Purana. Quando os deuses, aflitos, procuraram Vishnu, ele, Shiva, Brahma e as outras divindades emitiram muitas chamas de seus olhos, formando uma montanha de esplendor que se tornou manifesta como Katyayini, brilhante como milhares de sóis, com três olhos, cabelos escuros e 18 braços. Shiva deu a ela um tridente; Vishnu deu um disco; Varuna, uma concha; Agni, uma seta; Vayu, um arco; Surya, uma aljava cheia de flechas; Indra, um raio; Kubera, uma clava; Brahma, um rosário e um pote de água; Kala, um escudo e uma espada; Vishwakarma, um machado de guerra e outras armas. Assim armada e adorada pelos deuses, Katyayini seguiu para as colinas de Vindhya. Enquanto estava lá, os *asuras* Chanda e Manda a viram e, fascinados por sua beleza, descreveram-na para Mahishasur (também conhecido como Durg), seu rei, que ficou ansioso para conquistá-la. Ao pedir sua mão, ela disse-lhe que esta deveria ser ganha em uma batalha. Eles lutaram; por fim, a deusa desmontou do seu leão e saltou sobre as costas de Mahishasur, que estava sob a forma de um búfalo, e com o seu pé golpeou-o na cabeça, fazendo com que ele desmaiasse. Ela, então, cortou a cabeça dele com a espada. Por isso, ela é também conhecida como Mahishasurmardini.

A imagem de Durga é representada como uma mulher de cor dourada, com uma fisionomia gentil e bela. Possui dez braços; em uma das mãos segura uma lança com a qual corta o gigante Mahishasur; com uma de suas mãos esquerdas segura a cauda de uma serpente; com outra, o cabelo de um

gigante cujo peito a cobra está picando; suas outras mãos portam várias armas. O seu leão está recostado sobre sua perna direita, e o gigante, sobre a esquerda.

Em Bengala, a adoração desta deusa, ou Durga *puja*, é o mais popular entre todos os festivais hindus. São realizados sacrifícios de búfalos e cabras em seu nome; festas, cantos e danças continuam por dez dias, especialmente nos três últimos do período de *navaratri*. Embora seu festival principal seja no outono, ela é também venerada na primavera. Parece que a razão disto foi que Ravana era um devoto fervoroso de Durga e lia o Chandi (um trecho de um dos Puranas) diariamente. Portanto, quando Rama o atacou, a deusa auxiliou seu servo Ravana. Rama, ao ver a ajuda divina que seu inimigo recebia, começou ele mesmo a adorá-la. Isso foi no outono. Durga ficou feliz com a devoção de Rama, e logo transferiu sua ajuda para ele. O dia da vitória épica de Durga é celebrado como *vijayadashami*, coincidindo com a vitória de Rama sobre Ravana.

PRINCIPAIS FORMAS DE DURGA

DURGA recebeu Chanda e Manda, os mensageiros dos gigantes. Eles, perplexos com sua beleza, falaram dela de modo tão arrebatador a seus senhores que Sumbha enviou, por meio de Sugriva, um pedido de casamento.

DASABHUJA (a de dez mãos) destruiu o exército de Sumbha sob o comando de Dhumlochana. Dessas tropas, somente alguns fugitivos escaparam para levar a notícia da derrota ao seu mestre.

SINGHAHAHINI (que monta um leão) lutou contra Chanda e Manda e possui somente quatro braços. Ela bebeu o sangue dos líderes e devorou grande parte de suas tropas.

MAHISHASURMARDINI (a assassina de Mahishasur) matou Sumbha quando ele a atacou sob a forma de um búfalo. Tinha oito ou, segundo outros relatos, dez braços. Há pouca diferença entre o relato dessa forma e o de Durga.

JAGADDHATRI (mãe do mundo) destruiu outro exército de gigantes; está vestida com roupas vermelhas e senta-se sobre um leão. Ela também possui somente quatro braços, sendo bem similar a Singhavahini; a diferença está nas armas que ela empunha. Como Singhavahini, ela maneja uma espada e uma lança, e com duas mãos encoraja seus seguidores; como Jagaddhatri, carrega uma concha, um disco, arco e flecha. Em todas as formas, é representada como uma deusa graciosa, linda e de aparência gentil.

KALI (a deusa negra) ou, como é mais comumente chamada, Kali Ma, a mãe negra, com a ajuda de Chandi, matou Raktavija, líder principal do exército dos gigantes. Ao ver seus homens caindo, Raktavija atacara a deusa em pessoa, e cada gota de sangue que ele perdia gerava mil gigantes iguais a ele em poder. Nesse momento, uma outra forma da deusa, chamada Chandi, veio para o resgate. Enquanto Kali bebia o sangue do gigante, evitando a formação de novos seres, Chandi matou o monstro.

Kali é representada como uma deusa negra com quatro braços; em uma das mãos ela tem uma espada, em outra, a cabeça de Raktavija, e com as outras duas encoraja seus seguidores. No lugar de brincos, ela tem dois corpos mortos, e usa um colar de crânios; sua única vestimenta é um cinturão feito das mãos de homens mortos, e sua língua está estendida para fora. Seus olhos são vermelhos como os de um bêbado, e sua face e seus seios estão lambuzados de sangue. Está de pé, pisando sobre a coxa e o peito de seu marido. Esta posição de Kali é devida à sua dança após a vitória sobre os gigantes, tão vigorosa que a Terra tremeu sob o seu peso. A pedido dos deuses, Shiva pediu a ela que parasse mas, por conta da sua excitação, ela

não percebeu. Então, ele deitou-se entre os corpos dos que faleceram com os abalos. Ela continuou a dançar, até que viu seu marido sob seus pés e, imediatamente, esticou a língua com vergonha pelo desrespeito que tinha mostrado por ele; e parou de dançar.

MUKTAKESI (com cabelo flutuante) destruiu outra parte das forças dos gigantes. Aparentemente, pouco há para distingui-la de Kali: ela possui quatro braços; segura uma espada e um escudo em suas mãos esquerdas, e com as mãos direitas concede a bênção e dispersa o medo. Ela também está de pé sobre o corpo de seu marido.

TARA (a salvadora) matou Sumbha. Em uma das mãos, segura a cabeça dele e, na outra, uma espada. Sua aparência também é semelhante à de Kali. Ela não deve ser confundida com Tara, esposa de Brihaspati, ou Tara, esposa de Bali, o rei *asura*.

CHINNAMASTAKA (a decapitada) matou Nisumbha, outro gigante. É evidente pela sua aparência que ela achou a tarefa bem difícil, pois sua cabeça está quase decepada. É retratada como uma mulher bonita, nua e usando uma guirlanda de crânios, de pé sobre o corpo de seu marido, Shiva.

JAGADGAURI (a deusa amarela) recebeu agradecimentos e louvores dos deuses e dos homens pela libertação que trouxe. Em suas quatro mãos, segura uma concha, um disco, uma clava e um lótus.

PRATYANGIRA (a bem proporcionada) nunca foi representada por imagens, mas à noite o sacerdote oficiante, usando roupas vermelhas, oferece flores vermelhas, bebidas alcoólicas e sacrifícios sangrentos. A carne dos animais mergulhada em algum líquido intoxicante é queimada pelo devoto. Acredita-se

que a carne do inimigo, alvo desse ritual, inchará da mesma maneira que a carne do sacrifício sobre o fogo.

ANNAPURNA (aquela que provê o alimento) é representada como uma mulher bonita, de pé sobre um lótus ou sentada em um trono. Em uma das mãos, segura uma tigela com arroz e, na outra, uma colher usada para mexer o alimento.

GANESHAJANANI (mãe de Ganesha) é adorada com o filho nos braços.

KRISHNAKRORA (aquela que segura Krishna em seu peito). Quando Krishna lutou com a serpente Kaliya no rio Yamuna, ele foi picado e chamou Durga para ajudá-lo. Ela ouviu seu grito e, amamentando-o em seu seio, restaurou sua saúde.

Ganga

O Ganga* é um dos quatro maiores rios do mundo e um dos sete rios sagrados da Índia. Os primeiros arianos adoraram Ganga como a principal deusa-rio, dotada de qualidades fabulosas e personagem de inúmeras lendas. Os centros de adoração de Ganga mais importantes são: Gangotri, a nascente do rio; Haridwar, onde ele começa a descer para a planície; Allahabad, onde ele se junta ao Yamuna; Varanasi, a cidade sagrada, e a ilha de Sagara em seu estuário, onde ele finalmente deságua na baía de Bengala.

Acredita-se que Ganga seja filha de Himavat e Mena, irmã mais velha de Parvati. Segundo os Puranas, o celestial Ganga flui do dedão do pé de Vishnu e ocasionalmente assume forma humana. Com essa aparência, casou-se com o rei Shantanu e foi mãe de Bhishma, *pitamah* dos clãs rivais dos Pandavas e dos Kauravas.

* O rio Ganga é também conhecido como rio Ganges. (N. do E.)

Sagara foi um poderoso rei de Ayodhya. Ele decidiu realizar o Ashvamedha (sacrifício do cavalo) em uma tentativa de tornar-se rei dos deuses. Fez com que seus 60 mil filhos seguissem o cavalo. Enquanto isso, Indra, temendo a perda do seu trono, assustou o animal disfarçando-se de demônio. Quando os filhos de Sagara descobriram, tentaram localizar o cavalo. Durante a busca, interromperam a meditação do Sábio Kapila, que os amaldiçoou, transformando-os em cinzas. Sem notícias dos filhos, Sagara enviou seu neto, Anshuman, para buscar o eqüino. Em sua jornada, ele encontrou as cinzas de seu pai e de seus tios. Quando descobriu a razão daquilo, Anshuman tentou aplacar o Sábio Kapila, que concordou em modificar sua maldição. Ele disse a Anshuman que as almas de seus tios seriam santificadas se o Ganga, com seu toque purificador, cobrisse as cinzas. Enquanto isso, Anshuman encontrou o cavalo e devolveu-o a Sagara, que completou seu sacrifício.

Sagara, Anshuman e seu filho, Dilip, tentaram sem sucesso libertar seus parentes da maldição de Kapila. Finalmente a tarefa foi transmitida para o filho de Dilip, Bhagiratha.

Ao praticar grande austeridade, Bhagiratha obteve uma dádiva de Brahma, que permitiu que Ganga viesse para a Terra. Entretanto, Bhagiratha foi avisado que Ganga não queria deixar o céu, e, portanto, desceria raivosa. A Terra não seria capaz de suportar o impacto de sua descida e se desintegraria. Bhagiratha, então, rezou a Shiva, que concordou em sustentar a descida de Ganga em sua cabeça. Acredita-se que Brahma pediu a Ganga que fosse à Terra, e ela zangou-se. Desceu em fúria, pronta para destruir, mas Shiva capturou-a nos anéis dos seus cabelos, dominando-a rapidamente. Quando a raiva diminuiu, ele deixou-a fluir. Em um dos seus sete cursos, Ganga seguiu Bhagiratha e fluiu sobre as cinzas dos filhos de Sagara, libertando suas almas.

Segundo o Agni Purana, qualquer lugar por onde Ganga flui é sagrado. Acredita-se que mesmo os piores criminosos e pecadores irão para o céu se

adorarem o rio. A água do Ganga é dotada de propriedades extraordinárias de purificação e não apodrece mesmo após anos guardada em garrafas e jarras. Até hoje, o Ganga continua atraindo milhões de devotos até suas margens, e suas águas são levadas em pequenos potes selados e reverencialmente colocados em incontáveis santuários domésticos por toda a Índia. Sendo o Ganga a Consciência Divina, aquele que mergulhar em suas águas torna-se imortal. O rio é eterno porque constitui a consciência superior, a qual os seres humanos são capazes de atingir durante sua diligência espiritual. Simbolicamente, Ganga representa o conhecimento divino e esotérico com poderes de levar os mortos e também os vivos para os céus, graças à força da sua pureza.

Gayatri

Segundo os textos sagrados, Gayatri é Brahma, Gayatri é Vishnu, Gayatri é Shiva, Gayatri é os Vedas, Gayatri é uma métrica do Rig Veda consistindo de 24 sílabas. Essa métrica tem sido utilizada em vários *mantras* do Rig Veda. As sílabas são dispostas de modo diferente para *mantras* diferentes, a maioria sendo um terceto de oito sílabas cada. O *mantra* Gayatri, composto desta forma tríplice, é o mais famoso e sagrado de todos os *mantras*. É uma prece em honra ao Sol, também chamado de Savitur. Segundo o Skanda Purana, nada nos Vedas é superior ao Gayatri.

Ela é outra esposa do Senhor Brahma. Segundo uma interpretação, a deusa Gayatri é a emanção luminosa do poder infinito do Ser Original em três aspectos, nas três partes do dia: Gayatri pela manhã, Savitri ao meio-dia e Saraswati ao entardecer. Como deusa da aprendizagem, diz-se que é filha de Brahma, o criador, emanando de sua mente (*manasa-kanya*). Na adoração de Durga no outono, Lakshmi e Saraswati acompanham-na como suas duas filhas.

Ela é representada com cinco cabeças e está geralmente sentada sobre um lótus, um cisne ou um pavão. Usa uma coroa em cada cabeça, incrustadas com nove tipos de pedras preciosas, que significam Luz Divina. Quatro das cabeças de Gayatri representam os quatro Vedas, e a quinta representa o Deus todo-poderoso.

Saraswati

Saraswati, a deusa da fala, significa, literalmente, a essência do próprio ser. Essa deusa denota o aspecto da Realidade Suprema que representa o conhecimento, a aprendizagem e a sabedoria. É considerada como a personificação de todas as artes, ciências, habilidades manuais, música e poesia. Mãe de todo o conhecimento védico, ela é também conhecida como Vac, a deusa da fala que flui como um rio. Saraswati é a esposa divina de Brahma, o Senhor da criação. Como o conhecimento é necessário para a criação, Saraswati simboliza o poder criativo do Senhor Brahma.

Saraswati é o primeiro rio que ganhou a condição de deusa védica. Originalmente, os arianos que vieram da Ásia Central eram adoradores do fogo. Suas tribos chegaram à Índia por volta do ano 1550 a.C. e estabeleceram-se ao longo das margens do Saraswati. Esse rio descia do Himalaia até o oceano Índico e afastou os arianos da vida nômade, conduzindo-os para a agricultura. Sua presença fértil proporcionou fartas colheitas e prosperidade. Sábios e poetas meditaram ao longo das margens do Saraswati, e sua musa tornou-se uma deusa.

Ela é vista como uma presença elegante e bela, de pura cor branca, vestida com um sari alvo, sentada sobre um lótus da mesma cor, que representa pureza e esplendor. É representada com quatro mãos. Em uma delas, segura um livro e, em outra, um rosário. Com as outras duas mãos, é vista tocando a *veena*. Seu *vahana* é o cisne, e algumas vezes um pavão a acompanha. O cisne é conhecido pela sua excepcional capacidade de separar a água do leite, indicando que é preciso haver discernimento para diferenciar o que é mau do que é bom. Como o cisne, o lótus como assento da deusa sugere sua transcendência do mundo físico. Ela flutua acima das imperfeições enlaçadas do mundo físico, imaculada, pura e bela. Embora enraizado na lama (assim como o homem está ligado ao mundo físico), o lótus aperfeiçoa-se em um botão que transcende suas origens. Saraswati inspira a pessoa a viver de tal modo que possa superar suas limitações físicas por meio dos avanços da criação.

Como Brahma, ela não é reverenciada em muitos templos. Entretanto, a deusa Saraswati é adorada em toda a Índia em seu dia especial na primavera, o Vasant Panchmi.

Lakshmi

A deusa Sri, também conhecida como Lakshmi, é a esposa do Senhor Vishnu. Está associada a prosperidade, bem-estar, poder real e fama. No panteão hindu de deuses e deusas, Lakshmi personifica a riqueza, assim como a graça e o encanto.

Ashta Lakshmi são suas oito formas, aspectos comumente reverenciados. Em cada uma, ela representa uma forma de riqueza para seus devotos. Não existem tantos templos para Lakshmi como para Parvati, porém ela é adorada especialmente em templos no norte da Índia. Existem vários *pujas* e festivais realizados para invocar suas bênçãos. Os Ashta Lakshmis são: Aadi Lakshmi, Santana Lakshmi, Gaja Lakshmi, Dhana Lakshmi, Dhaanya Lakshmi, Vijaya Lakshmi, Veera Lakshmi e Aishwarya Lakshmi.

Lakshmi vivia no oceano e foi descoberta por Vishnu, seu marido, quando ele, como *avatar*, assumiu a forma de uma tartaruga. Quando os *devas* (deuses menores) estavam em uma disputa contra os *asuras* (demônios) para obter o *amrit* (o néctar da imortalidade), decidiram agitar o oceano.

Eles criaram um batedor agitando a serpente Vasuki em torno do monte Mandara. Vishnu, como o *avatar* Kurma, mergulhou até o fundo do oceano e balançou o monte Mandara em suas costas. Sob o aperto da garra cósmica de Kurma, a montanha não pôde afundar. Os deuses agitaram e receberam o néctar da imortalidade e outros tesouros. Para Kurma, o mais precioso foi Lakshmi, a deusa da beleza e da sorte.

Vishnu tirou Lakshmi do oceano e casou-se com ela, primeiro no céu, e depois várias vezes na Terra. A cada vez que Vishnu desceu à Terra como um *avatar*, casou-se com um *avatar* de Lakshmi. Quando Vishnu apareceu como Parashurama, casou-se com Lakshmi como Dharini. Quando foi Rama, Lakshmi nasceu como Sita. Como Krishna, ele casou-se com ela como Rukmini.

Lakshmi desempenhou um papel importante na criação, pois é a *shakti* de Vishnu. Seu nascimento a partir do oceano dotou-a de uma fertilidade ilimitada. Na Terra, ela é também conhecida como *prakriti*, natureza, a mãe de todos os seres vivos.

Lakshmi é representada por uma forma feminina com quatro braços. Usa um sari vermelho com borda dourada e está sobre um lótus. Tem moedas de ouro e lótus em suas mãos. Há dois elefantes próximos à deusa. Os quatro braços representam as quatro direções no espaço e simbolizam, desta forma, a onipresença e a onipotência da deusa. A cor vermelha simboliza a atividade e a borda dourada em seu sari denota a prosperidade, o que significa que a deusa está sempre ocupada distribuindo riqueza e prosperidade para os devotos. O assento no lótus, sobre o qual está Lakshmi, significa que, ao viver neste mundo, é preciso aproveitar sua riqueza, mas não ficar obcecado por ela. Esse modo de vida é análogo ao do lótus que cresce na água, mas não se molha. Os dois elefantes simbolizam o nome e a fama associados à riqueza mundana, representando a importância de que um devoto verdadeiro não procure ganhar a riqueza meramente para adquirir nome e fama, mas para partilhá-la com os outros e levar felicidade para todos.

A deusa Lakshmi é regularmente reverenciada pelos seus devotos em santuários domésticos e em templos. Uma adoração especial lhe é oferecida anualmente no dia auspicioso de Diwali, com rituais religiosos e cerimônias coloridas especialmente devotadas a ela.

Radha

Radha é representada principalmente como uma subordinação pessoal voluntária ao seu amado Krishna, sua personalidade dissolvendo-se nele. Com os olhos fechados, a deusa segue-o para onde ele a leva, confiando completamente e abrindo mão do seu ego. Esta é a metáfora divina de um devoto que se funde com seu deus. Por extensão, também simboliza um ser amado que se funde com o seu amor. Em algumas representações, a relação de Radha e Krishna é recíproca e expressa um amor totalmente maduro, no qual a confiança e o respeito um pelo outro são tão profundos que o desrespeito é inimaginável. Essas imagens sugerem que, quando duas pessoas se amam, ocorre uma mistura de mentes e corpos, os egos são abandonados, e aquele que ama e o ser amado ocupam posições iguais, o que não somente sublima as emoções sexuais como também fornece um apoio divino para as paixões internas. A natureza divina de Radha está na exaltação e transfiguração de algumas das emoções humanas mais básicas e arquetípicas. Duas de suas características: *mahabhava* (grande sentimento) e *premabhakti* (devoção do amor desinteressado) apontam para a

intensidade e a pureza do seu amor, emprestando-lhe uma qualidade metafísica. Os devotos de Radha, tipicamente, não se relacionam com ela pedindo-lhe favores terrenos, mas absorvendo-se no desdobramento da história minuciosamente detalhada do seu amor por Krishna.

Sita

Sita significa “sulco” ou a linha formada por um arado, sendo o nome da deusa associado aos campos arados na literatura védica. No Ramayana, Sita, como companheira de Rama, é o primeiro e principal modelo de esposa dedicada, e senhora da vegetação e dos locais arborizados.

O nascimento de Sita é sobrenatural, e suas habilidades e aparência são exaltadas em todo o épico. Seu pai, Janak, encontrou-a enquanto arava um campo. Ela apresenta vários dos atributos de sua mãe, Prithvi: a fértil e fragrante mãe terra, doadora de vida, embora os perigos inerentes àquele que cria e nutre sejam também sugeridos. Sita, a deusa da fertilidade, emerge da terra e, após todas as provas e tribulações em sua vida terrena, volta para ela, significando a necessidade da morte para haver vida no ecossistema.

Sita, a esposa ideal, resume o conceito de *pativrata*, que significa, literalmente, mulher virtuosa, fiel ao seu marido. As privações e várias realizações de uma *pativrata* são altamente enaltecidas. Embora outras deusas, como Parvati e Lakshmi, expressem várias dessas qualidades, Sita é, sem dúvida, o mais popular e amado paradigma de devoção conjugal, clemência e castidade.

Embora considerada uma deidade, Sita é raramente adorada por direito próprio. Não existem templos dedicados apenas a ela; é sempre vista na companhia de seu marido, Rama, e de seu irmão, Lakshmana.

Deuses menores

A trindade hindu e sua extensa família são também acrescentados os lendários heróis dos Puranas, elevados à posição de deuses menores.

BALI é neto de Prahalad e devoto de Vishnu. Embora um rei dos demônios, ele governou com retidão e pelo bem-estar dos cidadãos. Por caridade, concordou em dar três passos de terra a Vishnu, que surgira sob a forma de Vamana. Bali manteve a promessa oferecendo sua cabeça, sobre a qual Vishnu daria o terceiro passo.

DHRUVA é neto de Manu. Ele tinha 5 anos quando foi insultado por sua madrasta. Foi para a floresta em busca de Deus e, com determinação e devoção, obteve sucesso. Vishnu levou-o para os céus como a Estrela Polar.

EKLAVYA adorava um ídolo de argila do seu Guru e praticou a arte de manejar o arco na sua ausência, dominando a técnica. Quando seu mestre desejou o polegar da mão direita de Eklavya como pagamento, o que o deixaria aleijado, Eklavya obedeceu com um sorriso.

HARISHCHANDRA, com sua promessa de permanecer fiel à verdade em todos os momentos, encarou com sucesso o duro desafio proposto por Vishwamitra. Embora rei, sacrificou tudo o que tinha no altar da verdade, incluindo seu reino e até seu filho.

KAMADEVA, o deus do amor, é muito bonito e bem-apessoado. Descrito em geral como filho de Lakshmi e Vishnu, diz-se também ser filho de Brahma. Kamadeva segura uma arco feito de cana-de-açúcar e um fio de abelhas zumbidoras. Ele atira as cinco flechas do desejo com pontas em forma de flor e tem Rati (paixão) como esposa, Vasanta (primavera) como seu amigo e um papagaio como veículo. Shiva reduziu-o a cinzas como punição por perturbar sua meditação profunda, mas a flecha de Kamadeva havia realizado seu intento: Shiva apaixonou-se por Parvati. Então, respondendo aos pedidos de Rati, Shiva trouxe o marido dela de volta, mas somente como uma imagem mental, representando o amor e o afeto verdadeiros, e não somente um desejo físico. Portanto, o outro nome de Kamadeva é Ananga (o sem corpo). Após um período bem longo, Shiva finalmente permitiu que ele nascesse como filho de Krishna.

KUBERA é o deus da riqueza. É nanico, possui três pernas e oito dentes, duas ou quatro mãos e pode carregar uma clava, uma bolsa contendo dinheiro, um vaso, uma fruta e uma tigela, e manter duas mãos em postura de doação e proteção. Seu corpo é coberto de jóias e outros ornamentos. Seu veículo é uma carruagem chamada Pushpak. Ele também é conhecido como deus dos

yakshas. Seu irmão, Ravana, ao praticar austeridade, obteve de Shiva o dom da invencibilidade e foi, então, capaz de derrotar Kubera e apoderar-se de Lanka e da carruagem Pushpak. Como Lanka não pôde ser devolvido a Kubera, Vishwakarma, deus da arquitetura, construiu um palácio para ele no monte Kailasha, no Himalaia. Kubera é o guardião do norte, responsável pelas riquezas minerais da terra: ouro, prata, pedras preciosas, pérolas etc.

MANU significa “o homem”, e foi criado por Brahma. Este nome pertence também aos 14 progenitores mitológicos da humanidade. Acredita-se que foi o sétimo Manu que salvou o mundo do dilúvio com a ajuda do *avatar* Matsya de Vishnu.

NACHIKETA buscou o conhecimento desde tenra idade. Por sua humildade, conquistou o coração de Yama, o deus da morte, e aprendeu com ele os segredos da vida espiritual.

PRAHLADA foi o filho do rei-demônio Hiranyakashipu. Enfrentou a ira de seu poderoso pai por causa de sua fé no Senhor Vishnu. O veneno, a espada e o fogo não o assustaram, então o próprio Senhor respondeu à devoção do menino de 5 anos e veio para a Terra como Narasimha.

SAVITRI era filha do rei Ashwapati e não deve ser confundida com a esposa de Brahma. Insistiu em ter o jovem e nobre Satyavan como marido, embora soubesse que ele viveria somente por um ano. No dia fatal, ela seguiu Yama, o deus da morte, quando este levou embora a vida de seu marido, mas cedeu diante de seu amor e adoração e devolveu-lhe a vida de Satyavan.

SOMA é o deus da lua, também conhecido como Chandra. Diz-se que é filho de Dharma ou de Varuna, o senhor dos oceanos, dos quais a lua surge. Soma

é identificado com o *amrit* (néctar). É representado como um homem cor de cobre, arrastando uma flâmula vermelha atrás da sua carruagem de três rodas, que é puxada por um antílope ou por dez cavalos brancos. Normalmente apresenta quatro mãos, uma portando uma clava, a segunda carregando o *amrit*, a terceira segura um lótus e a última em postura de proteção. Acredita-se que durante metade do mês, 36 divindades alimentam-se de Soma, assegurando desta forma sua imortalidade, o que justifica as fases crescente e minguante da lua.

VISHWAKARMA, segundo o Rig Veda, é o arquiteto divino de todo o universo, a personificação do poder criativo que une céu e Terra. É filho de Brahma e arquiteto dos palácios de todos os deuses. É bonito, leva um cajado em sua mão direita, usa uma coroa, um colar de ouro, anéis nos dedos e segura ferramentas em sua mão esquerda. Todas as carruagens voadoras dos deuses e todas as suas armas são criações dele. Foi Vishwakarma quem construiu a cidade dourada de Lanka, sobre a qual o rei Ravana governou e construiu a cidade de Dwarka, capital do Senhor Krishna. Também foi ele quem revelou o Sthapathya Veda, a ciência da mecânica e da arquitetura. Foram suas orações que capacitaram Nala, o macaco, a construir a ponte de pedras sobre o mar para o Senhor Rama e seu exército atingirem Lanka. Segundo uma lenda, sua filha Sanjana casou-se com Surya, o Sol. Como ela não conseguiu suportar o calor e a luz, Vishwakarma cortou a oitava parte do seu brilho. Os fragmentos foram utilizados por ele para formar as armas para os deuses principais: o disco para Vishnu, o tridente para Shiva, a espada para Kartikeya etc. É a deidade que preside todos os artesãos.

YAMA é o deus da morte e senhor das regiões infernais visitadas pelo homem após a suspensão da vida. Ele é a personificação da lei do *carma* e confere a justiça de acordo com os atos. Yama é filho de Vivasvat, a personificação da

moralidade social, enquanto sua mãe é Saranyu (nuvem), filha de Vishwakarma, o arquiteto cósmico. A irmã gêmea de Yama é Yami, que apareceu mais tarde nesta Terra como o rio Yamuna. Yama é o guardião do sul e é chamado de Dakshinaspati. Sua morada chama-se Yamalaya no lado sul da Terra. Yama aparece de modo diferente para o virtuoso e para o pecador: no primeiro caso, ele aparece semelhante a Vishnu, tem quatro braços, uma aparência escura e olhos em forma de lótus, sua face é encantadora e mostra um sorriso cativante; no outro, ele é visto com membros longos, olhos profundos, dentes grandes e lábios escuros e finos e ruga como o oceano da destruição. A montaria de Yama é um búfalo preto de aparência assustadora. Yama possui várias esposas, das quais as principais são: Hemamala (guirlanda dourada), Sushila (a de natureza boa) e Vijaya (vitória).

Os seres celestiais, com frequência mencionados em vários Vedas e nos Puranas, fazem parte da mitologia hindu da mesma forma que os deuses menores.

APSARAS são belas mulheres que dançam na corte de Indra. Indra também as utiliza para seduzir os sábios que, por suas grandes penitências, ameaçam sua superioridade como regente de Swarga (paraíso). Rambha, Urvashi e Menaka são as mais famosas.

GANDHARVAS são os músicos celestes que tocam na corte de Indra, inclusive quando algum ato dos deuses precisa ser completado no interesse da humanidade. Dizem que são excepcionalmente atraentes e possuem grande apreço pelas mulheres.

KINNARAS são seres míticos com corpo de homem e cabeça de cavalo. São cantores na corte de Indra. Dizem também que são trovadores do palácio de Kubera, no monte Kailasha, morada de Shiva.

SIDDHAS são classes de espíritos de grande pureza e santidade que habitam sozinhos no céu ou entre a Terra e o céu.

YAKSHAS são os assistentes de Kubera, empregados para vigiar seus jardins e seu tesouro. Vivem em Alka-Puri (*yaksha-puri*). O feminino de *yaksha* é conhecido por *yakshini*.